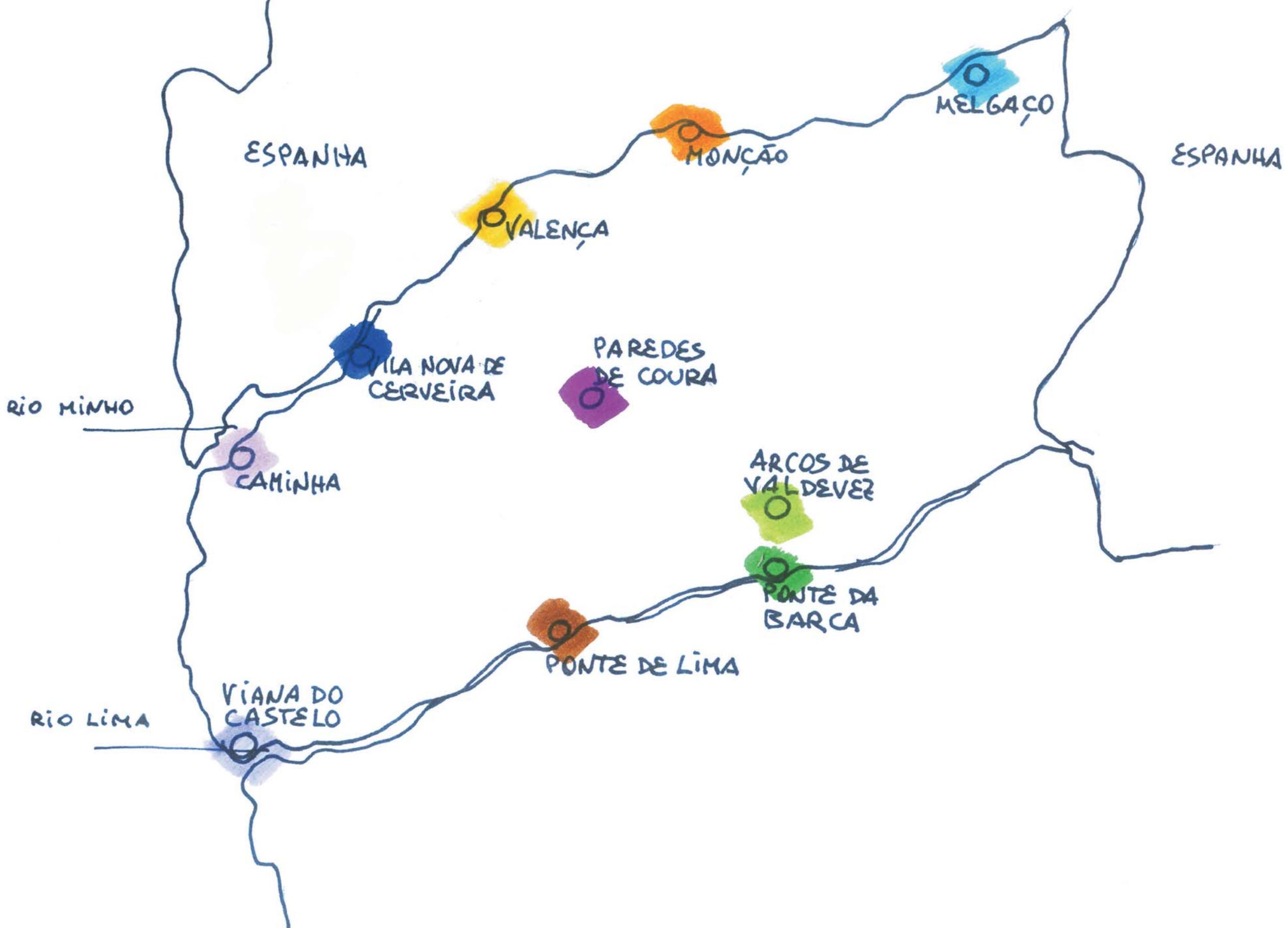


Urban Sketchers de Portugal

DESENHOS DO ALTO MINHO

Sketching com História





Urban Sketchers de Portugal

DESENHOS DO ALTO MINHO

Sketching com História



■ ÍNDICE ■

INTRODUÇÃO
04

ARCOS DE VALDEVEZ
06

CAMINHA
26

MELGAÇO
46

MONÇÃO
66

PAREDES DE COURA
86

PONTE DA BARCA
106

PONTE DE LIMA
126

VALENÇA
146

VIANA DO CASTELO
166

VILA NOVA DE CERVEIRA
186

ÍNDICES
[residentes/participantes]
206

Os Urban Sketchers, associação sem fins lucrativos, estão constituídos em grupos por todo o país. Encontram-se regularmente para desenhar, movidos pela paixão e pelo prazer de o fazer, e publicam os seus desenhos num blogue¹. Fazem parte de um movimento global que, também em Portugal, tem promovido a organização de encontros (sempre com o intuito de desenhar), exposições e livros. Foi portanto com entusiasmo que aceitaram o desafio da Comunidade Intermunicipal do Alto Minho (CIM Alto Minho) para organizar dez encontros, um por mês, em dez localidades do Alto Minho.

O projeto chamou-se «*Sketching com História*». Um numeroso grupo de pessoas aderiu à proposta e compareceu a cada encontro, munido do material que cada um achou mais adequado (em geral, usando um caderno como suporte – o chamado diário gráfico), e percorreu, observou e dialogou: assim, em traços rápidos ou com tempo, registou o que de mais relevante encontrou em cada um dos lugares. Cada desenho foi feito no sítio e passou por um crivo mais sofisticado do que o de qualquer máquina – a mente irrepetível de quem olha e desenha. Mais do que um retrato, cada desenho é uma dramatização e cada desenhador um personagem ativo mas oculto.

Paralelamente, um par de desenhadores viveu durante breves dias em cada uma das localidades, registando com o seu traço essa vivência. Foi-lhes ainda proposto que sobre ela refletissem, escrevendo um pequeno texto. Nalguns casos, esses residentes de passagem tiveram a oportunidade de conversar sobre essa experiência com alguns jovens, visitando escolas locais.

Este livro é o ponto de chegada desses múltiplos, vivos e frutíferos encontros. Desenhar corresponde ao que mais gostamos de fazer, mas também à melhor forma de darmos a conhecer um local: registar o que nos emocionou enquanto o descobríamos. Parámos, olhámos e, concentrados, registámos instantes, céus, fachadas, contornos, pessoas, árvores, com linhas e manchas e cor, no nosso caderno.

EDUARDO SALAVISA (USkP)
PEDRO ALEGRIA (USkPN)

O Alto Minho é a região do Norte de Portugal com mais monumentos nacionais classificados (53), integrando também a lista dos 100 melhores destinos sustentáveis do mundo no âmbito da iniciativa «Top 100 Sustainable Destinations 2018».

Neste contexto, a iniciativa *Desenhos do Alto Minho: Sketching com História* surge do repto lançado pela Comunidade Intermunicipal do Alto Minho (CIM Alto Minho) à Associação USkP – Urban Sketchers Portugal, no âmbito do projeto «Alto Minho 4D – Viagem no Tempo», visando a valorização e a promoção turística do património cultural e natural da região.

Ao longo de 12 meses, mais de meia centena de artistas e entusiastas do desenho passaram pelo Alto Minho, através de residências artísticas ou de encontros de *sketching*, para observar, sentir e registar de forma espontânea os principais recursos identitários deste território.

O resultado é um livro com uma belíssima coleção de memórias e de momentos vivenciados pelos artistas, evocados em cerca de 160 desenhos a cores ou a preto e branco, que deixam transparecer o que de melhor o Alto Minho tem para oferecer: monumentos, paisagens, recantos pitorescos e pormenores que passam despercebidos, num convite ao leitor para que desenhe as suas próprias viagens.

CIM ALTO MINHO

1. USkP – <http://urbansketchers-portugal.blogspot.com/>
USkPN – <http://urbansketchers-portugal-norte.blogspot.com>

■ JOÃO SANTOS ■

Tem 37 anos e mora no bairro de Alvalade, em Lisboa. É marido, pai, psicólogo, benfiquista e desenha, seja o que for, sempre que pode.

Em pequeno, a mãe oferecia-lhe sempre livros para colorir e recorda-se também de vencer um concurso de desenho na escola. O prémio foi uma grande borracha... Depois, durante muito tempo, não mais desenhava nem pintava, as letras e os números desalojaram os desenhos do papel...

Há sete anos atrás, estudante de Erasmus em San Sebastián (País Basco), certo dia pegou num bloco, numa caneta e pôs-se a desenhar o que tinha à frente. Desde então, também por ter descoberto os USKP, a paixão e o interesse pelo desenho foram crescendo. Desenha sempre que pode, aprende pelo que experimenta, pelo que erra e pelo que busca conhecer do que os outros fizeram/fazem.

Instagram: <https://www.instagram.com/michkin>

Da janela do meu quarto de hotel, o vale do Vez apresenta-se-me numa dramatização que me relembra da responsabilidade de registar o local «Onde Portugal de fez». Sob uma enorme cúpula de céu, as montanhas abrem as suas mãos de neblina, de onde desponta como que um pequeno pinto ainda trémulo do frio da manhã, a vila de Arcos de Valdevez.

Caminho por ruas mais ou menos estreitas, passo por largos com o da Lapa, espreito recantos, aprecio as igrejas, e eis que a vila se abre então para uma zona pedonal, onde me detenho nas margens cobertas de verde a apreciar a passagem do rio Vez, que divide a vila de ponta a ponta. Na outra margem, a Igreja de São Paio parece esticar-se para ser vista. Ao final da tarde, junto à Igreja Matriz, o sol já caía para lá dos telhados da vila, por cima dos quais ainda pairavam finas camadas de amarelo, laranja, vermelho, num véu que se esticava em azuis cada vez mais escuros.

O segundo dia seria de descoberta do concelho. A caminho do Soajo, a noção de escassez do tempo faz-me refrear o desejo de parar para absorver as cores, a luz, a brisa e ouvir os ribeiros. Finalmente os espigueiros, construções singulares que ali na eira pareciam posar altivos e vaidosos. Ali próximo, após curvas e contra curvas, sigo pela descida que me haveria de levar ao Mosteiro de Ermelo, envolta numa atmosfera de retiro, numa conversa eterna com o rio Lima.

No terceiro e último dia, mais curto, novo passeio na vila, tentando que a mão acompanhasse o que o olhar captava de forma instantânea. A meio da tarde o regresso a casa fez-se com a certeza de que o que se viu tinha sido afinal ainda tão pouco... E a sensação de que a natureza acolhe Arcos de Valdevez porque esta e as suas gentes não se lhes impõem mas antes lhe pedem respeitosamente licença para ficar.

■ TOMÁS REIS ■

Nasceu em 1991 e desenha desde que tem memória. Se os avós lhe ensinaram as bases, a descoberta de novas técnicas de desenho, sempre em novos lugares, tornou-se insaciável. O mestrado em Arquitetura e Urbanismo, na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, valeu-lhe o Prémio de Mérito Arquiteto José Lamas, em 2016. Agora, divide o tempo entre o trabalho enquanto arquiteto na Sonae Sierra e, nos tempos livres, a descoberta e a documentação do património material e imaterial. O desenho e a escrita complementam-se e trazem projetos diferentes, dia após dia.

Instagram: www.instagram.com/sketch_heritage/

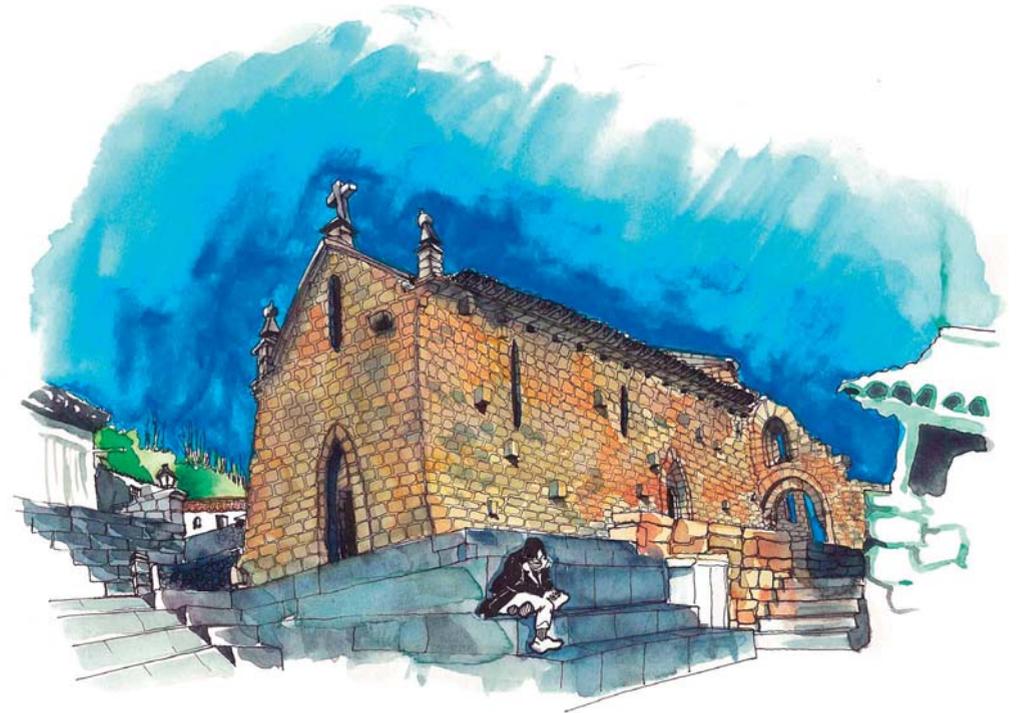
Na autoestrada tudo parece igual. Mas quando o asfalto acalma e chegamos a Terras de Valdevez, tudo muda. Há uma surpresa que logo se transforma em deslumbramento. No fim de cada curva, o olhar alcança um espigueiro, um rio cristalino ou um vale verdejante.

Se há quem atravesse o país para caminhar em Sistelo, é porque vale mesmo a pena. Mas o concelho de Arcos de Valdevez tem muito mais para dar. A começar pela própria vila, Arcos, como carinhosamente lhe chamam os habitantes. Trata-se de um conjunto de ruas, cheias de vida mas imaculadas na arquitetura. O rio Vez, cristalino como sempre, passa sob toda uma coleção de pontes e de jardins.

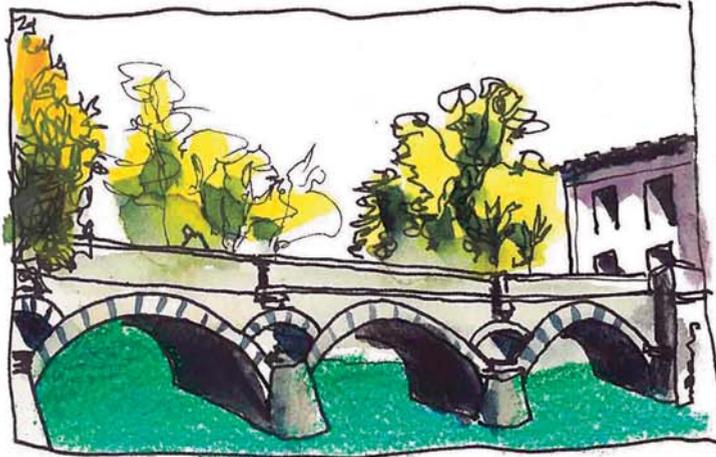
Ao pé do vale do rio Vez, sempre verde, o vislumbre da serra da Peneda adivinha uma paisagem inóspita. Pois não podia ser mais diferente: Ermelo, com o seu templo românico, é um bom pronúncio da aldeia do Soajo, imperdível pelas casas medievais e pelo mar de espigueiros. E para acabar a visita às Terras de Valdevez, é impossível fintar o Santuário da Peneda, grandioso nas escadarias que lembram o Bom Jesus de Braga, mas pequeno ao pé da imensidão das fragas graníticas que o rodeiam.



JOÃO SANTOS | Igreja de S.Paio



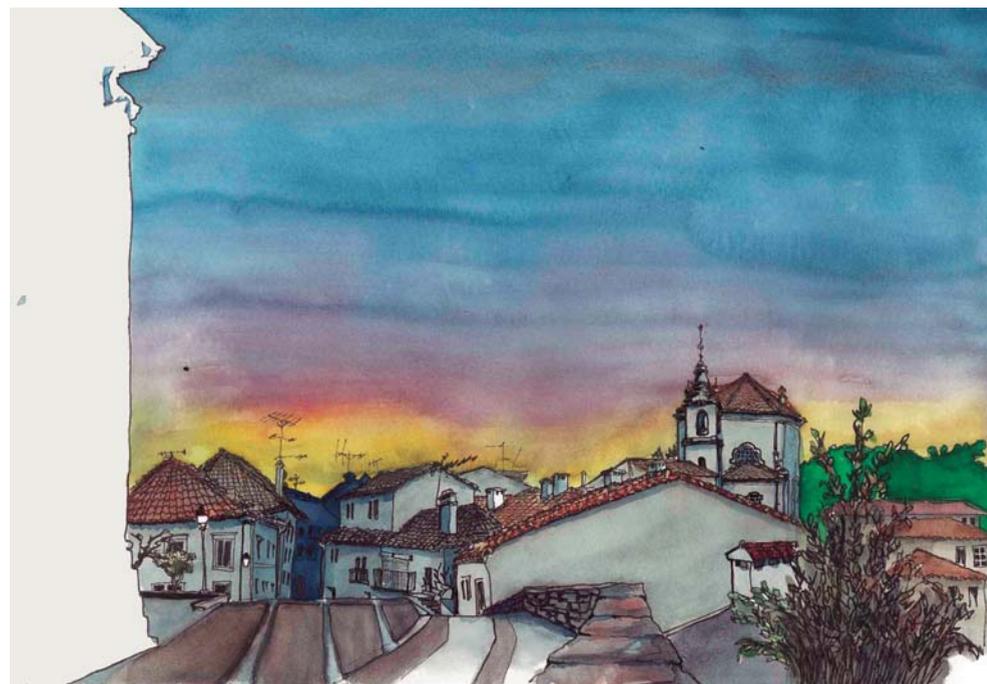
Mosteiro do Ermelo



JOÃO SANTOS | Zona da Igreja do Sistelo, vista da antiga padaria



JOÃO SANTOS | Reflexos da ponte sobre o rio Vez



Vista do Castelo dos Viscondes de Sistelo



TOMÁS REIS | Jazigo dos Viscondes de Sistelo



Solar do Requeijo



Largo
da Lapa 2/1/18
Tomás Reis

TOMÁS REIS | Largo da Lapa



TOMÁS REIS | Zona da Igreja do Sistelo, vista da antiga padaria



TOMÁS REIS | Reflexos da ponte sobre o rio Vez



MARCELO DE DEUS



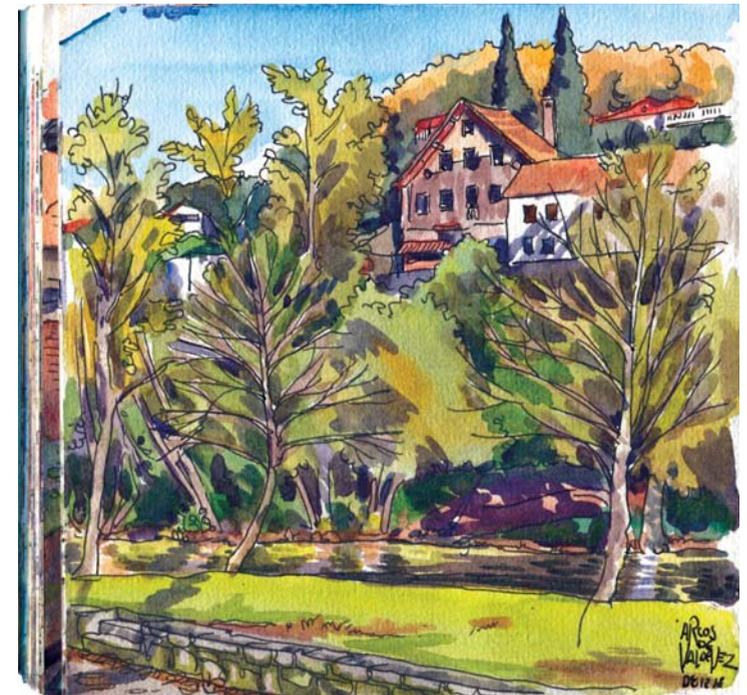
EDUARDO SALAVISA



ISABEL BRAGA



MARTIN KELBI



PAULO J. MENDES

■ FILIPE ALMEIDA ■

Nasceu em Lisboa com uma paixão pelo desenho, mas licenciou-se em Engenharia Civil com muitos rabiscos nos livros. Desde a descoberta dos Urban Sketchers e do conceito de diário gráfico, em 2012, passou a ter um caderno e uma caneta sempre à mão para poder desenhar obsessivamente.

Blogue: tracoslocais.blogspot.com

Instagram: www.instagram.com/filipeduartealmeida/

Para quem está habituado ao reboiço de uma grande cidade, Caminha é um belo local para se descansar e aproveitar vistas amplas, de serra, rio e mar. Não quer isto dizer que não haja reboiço em Caminha. Há, principalmente no seu largo principal, com vários restaurantes e esplanadas, mas é um reboiço diferente, simpático, sem confusão nem encontrões, onde se houve falar muito espanhol. Os «Nuestros Hermanos» gostam de atravessar a fronteira para nos visitar e aproveitar a nossa gastronomia, e isso está bem presente em Caminha.

Em Caminha é fácil sentarmo-nos no sossego à beira do rio Coura, ou subir ao ponto mais alto junto à vila para admirar a foz do rio Minho em todo o seu esplendor, principalmente ao pôr-do-sol, de preferência com maré baixa para observar as diversas formações criadas pelos bancos de areia.

Como não podia deixar de ser, Caminha tem também uma pastelaria tradicional com coisas boas para os apreciadores provarem.

A tudo isto junta-se um centro histórico bonito e uns arredores cheios de possibilidades para diversos passeios – há por isso muitas razões para ir a Caminha.

■ SUZANA NOBRE ■

Nascida em 1971 em Luanda, vive em Aveiro desde 1998. É formada em *Design Industrial* e trabalha como *designer* de produto na indústria cerâmica, desenvolvendo igualmente projetos na área da ilustração e *design* gráfico. Tem participado em várias exposições individuais e coletivas na área da fotografia, da ilustração e dos diários gráficos e participado em várias publicações como ilustradora, coletivamente, individualmente e em edição de autor.

Desde 2012 dedica-se de uma forma regular ao desenho de observação em diários gráficos, como método de experimentação, desenvolvimento de técnicas e processos de desenho. Procura constantemente manter o espírito criativo ativo, frequentando formações e oficinas e explorando as mais diversas áreas.

Blogue: suzananobredesenhos.blogspot.com

Facebook: Suzana Nobre Desenhos

Caminha é uma vila raiana linda, banhada pela foz do rio Minho e com Espanha a assomar do outro lado. Encontrei por aqui muitos peregrinos curiosos com os meus desenhos, fazendo a passagem pelo Caminho Português da Costa da rota de Santiago. Fui apanhada de surpresa com o frio e o vento com que esta localidade me recebeu, e os meus desenhos demorados contribuíram para que acabasse o dia sempre gelada!

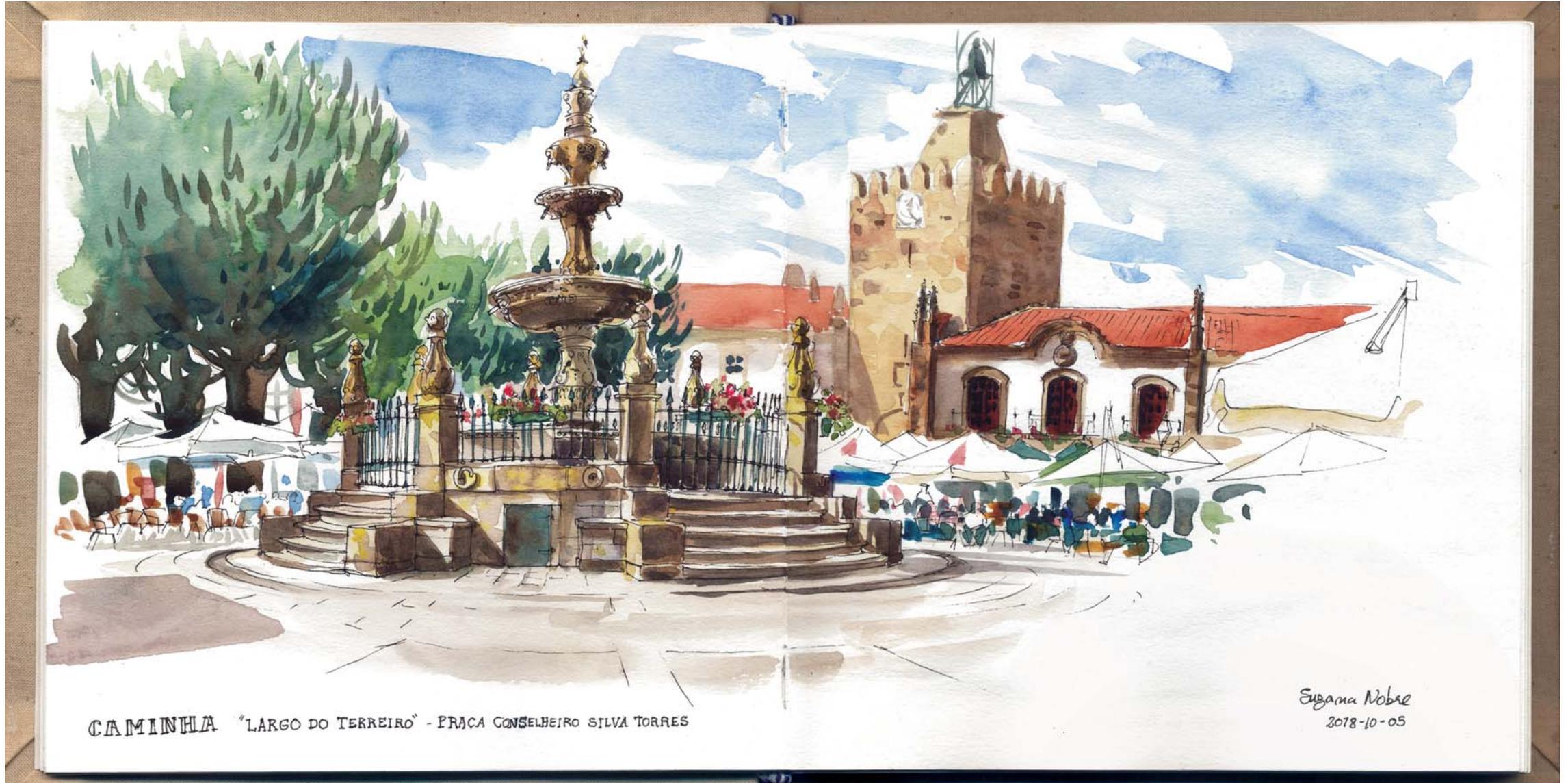
Fiquei três dias mas fui contida nos desenhos. Na manhã do primeiro dia demorei-me um pouco a conhecer a vila, e as fachadas cobertas de azulejos de lindos padrões, os trabalhos de cantaria e os edifícios em granito fizeram as minhas delícias; fiquei por isso sempre virada para o interior da vila e demorei-me nestes elementos que tanto me inspiraram.











CAMINHA "LARGO DO TERREIRO" - PRAÇA CONSELHEIRO SILVA TORRES

Suzana Nobre
2018-10-05







Caminha
10 Março
2018

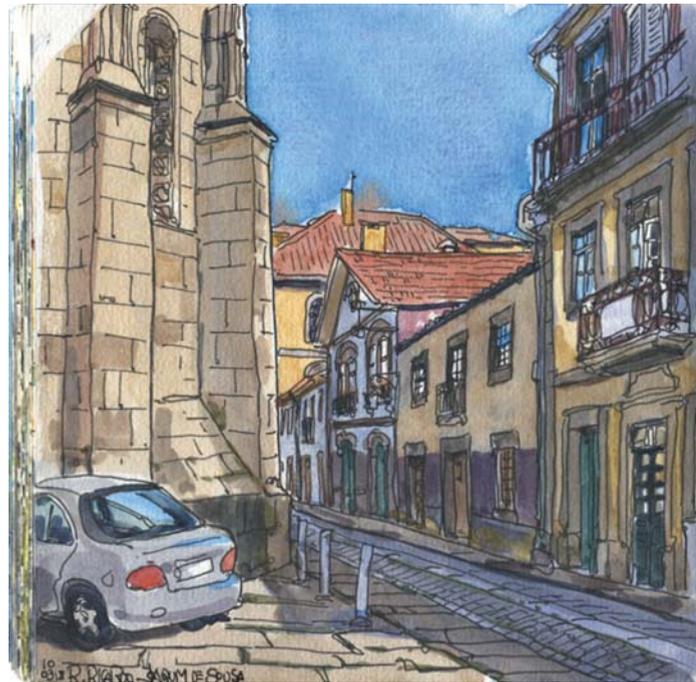
ANA CRISPIM



Jus 6. 18

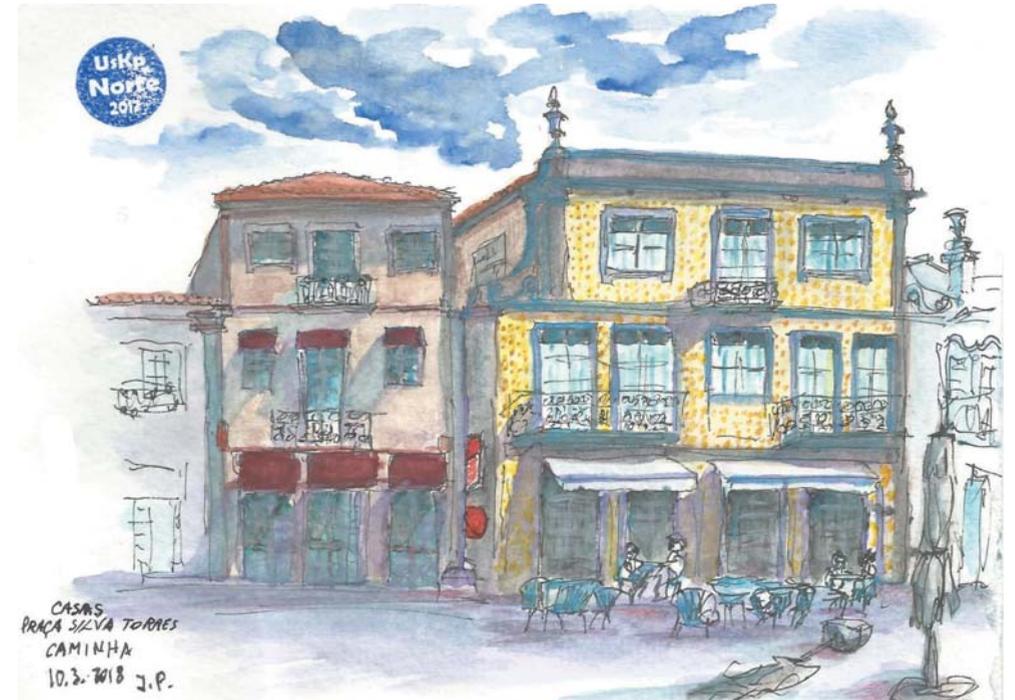
Caminha
10-3-2018

INÉS GAMA



18
R. Ricardo - SAUM DE FOUSA

PAULO J. MENDES

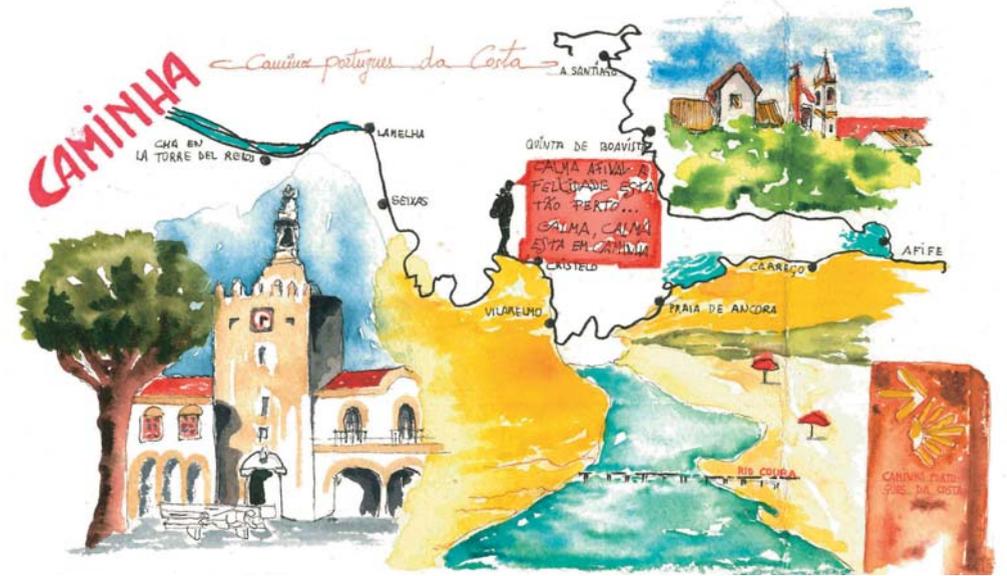


CASAS
PRAÇA SILVA TORRES
CAMINHA
10.3.2018 J.P.

JOÃO PEREIRA



PAULA MARINHO



CHARO SUELVES MARINA



VICENTE SARDINHA



PEDRO ALEGRIA

■ MARCO ANTÓNIO COSTA ■

Nasceu em Vila Nova de Gaia, em 1978. Licenciado em *Design* de Comunicação, mestre em Arte Multimédia e doutorando em Arte e *Design* pela FBAUP. Docente do Departamento de Artes Visuais da ESE-IPB. Membro Colaborador do I2ADS. Desenvolve o seu trabalho no campo das Artes Visuais entre a investigação, a docência, a produção e a crítica. Expôs em mais de 120 eventos coletivos ligados às artes plásticas, ao *design* e ao multimédia desde 2000, entre os quais três exposições individuais de pintura e desenho.

Site: <https://sketchbooktherapy.wordpress.com>

Facebook: <https://www.facebook.com/sketchbooktherapy>

Quando decidi realizar a residência artística em Melgaço, na qual se pretendia a realização de um trabalho plástico baseado no espaço geográfico, antropológico e histórico, surgiu-me de imediato uma série de questões. A minha angústia inicial tinha origem em três problemas criativos: que elementos sensíveis se tornam fundamentos para a exploração plástica de modo a ultrapassar o puro registo da experiência empírica imediata? Como interpretar estes elementos sem originar necessariamente uma ilustração dos mesmos? Quais destas experiências escolher, sem cair no erro de parcializar o conteúdo?

Não podendo no espaço das páginas deste livro explicar as diferentes fases de desenvolvimento das obras, refiro apenas que a noção de «paisagem» pareceu-me uma solução menos comprometedora com a possibilidade de dar más respostas às questões mencionadas acima. Assim, pela exploração das experiências de vários lugares, escolhi três que me foram mais particulares na forma como me forneceram a possibilidade de criar a «infinitude da visão»: as muralhas do Castelo; a Praça da República; o miradouro de Castro Laboreiro.

Pelas obras realizadas tento que quem as veja possa, mais do que reconhecer as formas sensíveis desses espaços, recriar o estado de encanto que, entre o movimento dos meus olhos e a imaginação, se originou por intermédio da atitude artística do lugar.

■ PEDRO CABRAL ■

Nasceu em 1954, vive e trabalha em Lisboa. Licenciou-se em Arquitetura (1978) na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. É casado e tem uma filha, um filho, uma nora, um neto e uma neta. Desenha, faz vela e viagens a pé.

Site: www.facebook.com/pmbcabral

Blogue: bonecosdebolso1.blogspot.com/

Instagram: www.instagram.com/bonecosdebolso

Uma vila linda e acolhedora, como todo o Minho.

Norte mais ao Norte, não há em Portugal! Não por acaso é aqui o Marco n.º 1 da fronteira de todo o perímetro do país.

A terra é boa, a água não falta e as pequenas propriedades cultivadas com empenho resultam numa proliferação de latadas e hortas (desenhar em Melgaço é um exercício de mistura de verdes). Depois, em cada quintal, um espigueiro, tão característico desta província.

O rio Minho faz fronteira e a passagem para o outro lado tem memórias de contrabando e de relações proibidas. Os vários pontos de atravessamento e os caminhos que por eles passam estão bem presentes no imaginário local.

As preocupações com a defesa e o encerramento intramuralhas, onde começou a história da vila, foram ultrapassadas por um espírito empreendedor e cosmopolita, fortemente apoiado na diáspora e que é muito visível através das arquiteturas, dos falares, dos comércios e até das ondulações populacionais com picos nas festas.

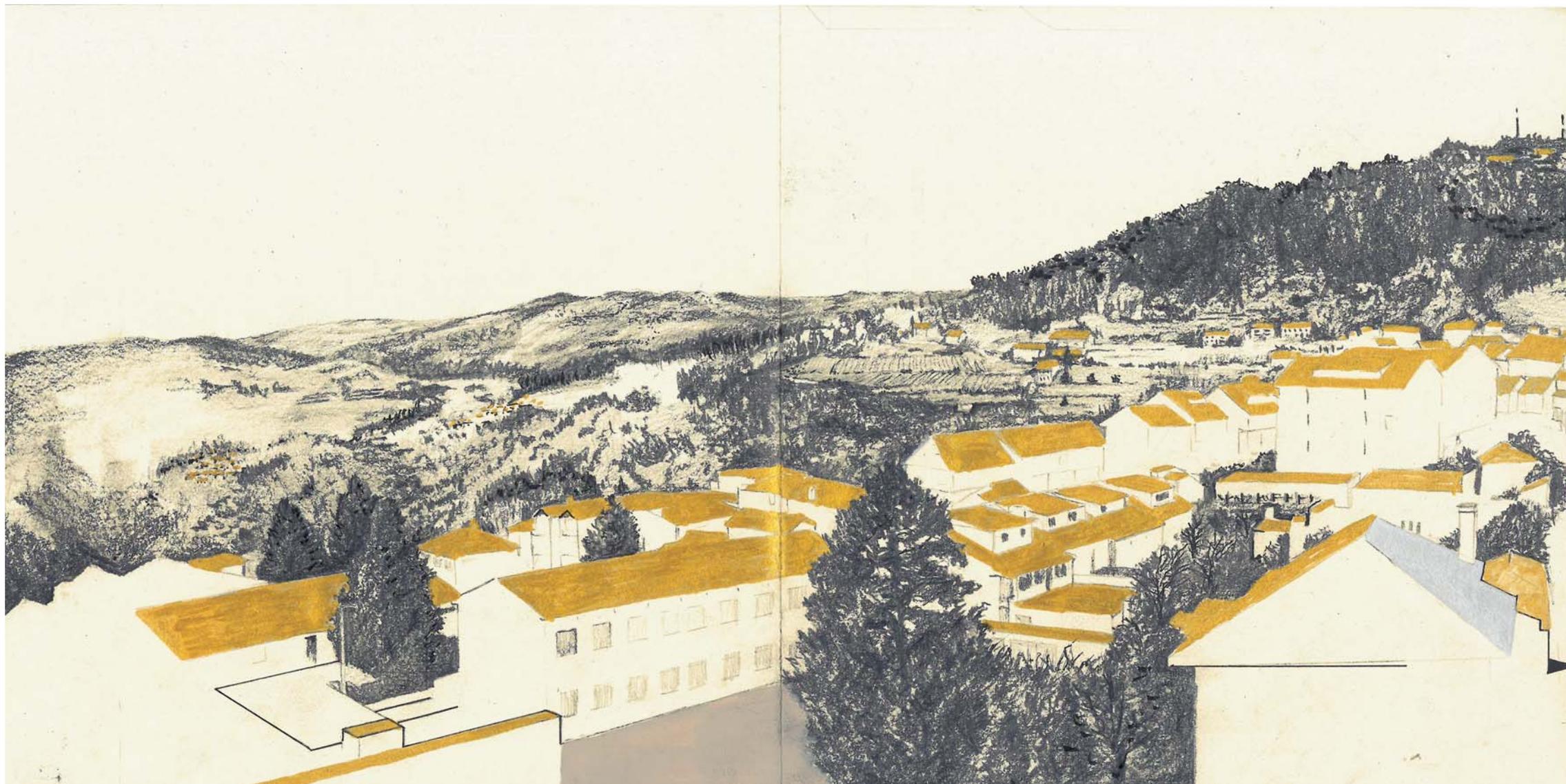
O granito é omnipresente em Melgaço. Grandes megálitos ou pequenas lascas, em bruto ou polido e com as mais variadas utilizações – desde o grande edifício ao mais esbelto esteio de latada.

Tudo isto fui encontrando, de descoberta em descoberta, com a ajuda dos melgacenses e dos núcleos museológicos e informações turísticas sempre eficazes. Em resumo, uma «Residência» do melhor que há!

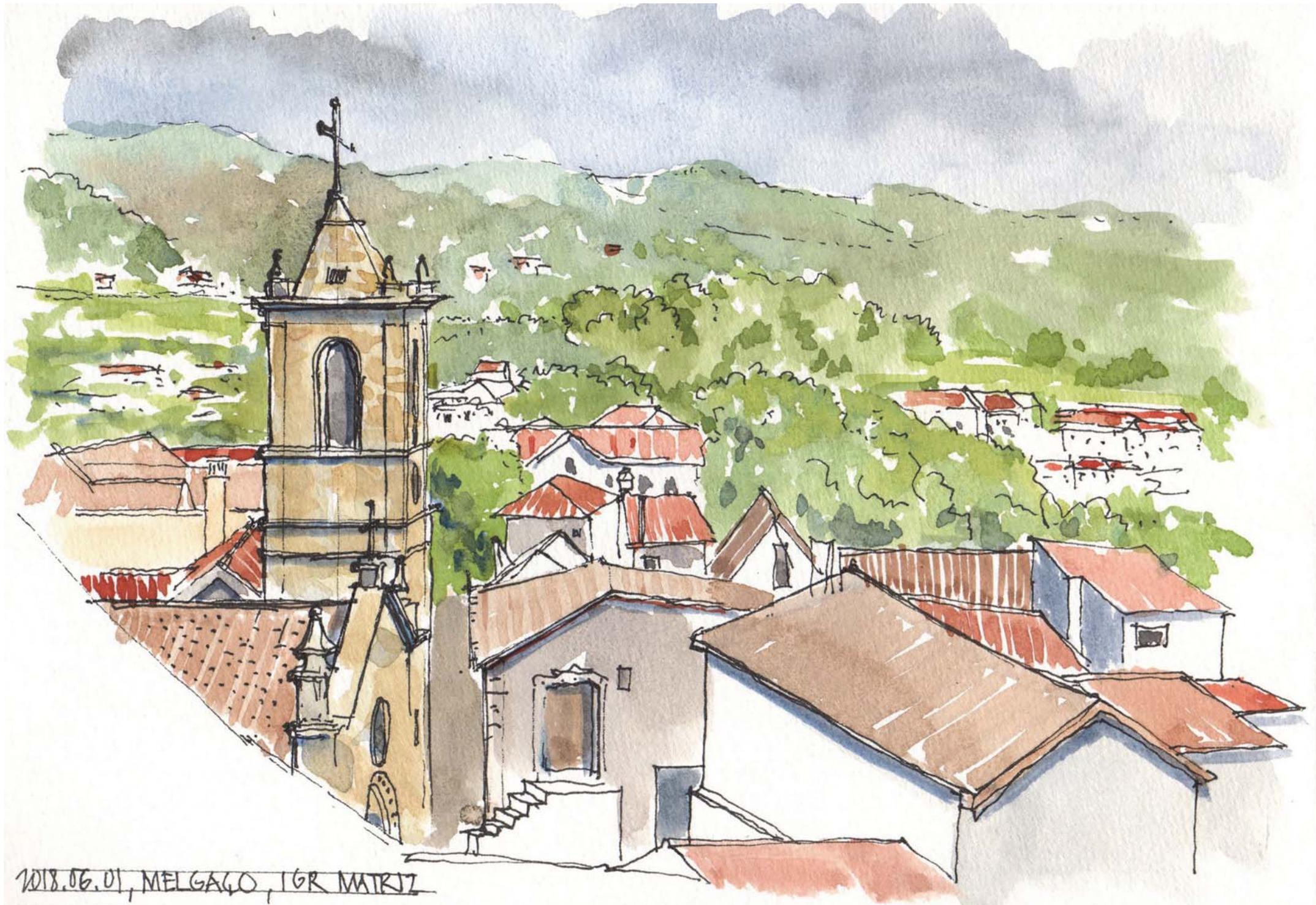


MARCO ANTÓNIO COSTA | Panorâmica a partir das muralhas do castelo – Fragmento #1









2018.06.01, MELGAÇO, IGR MATRIZ

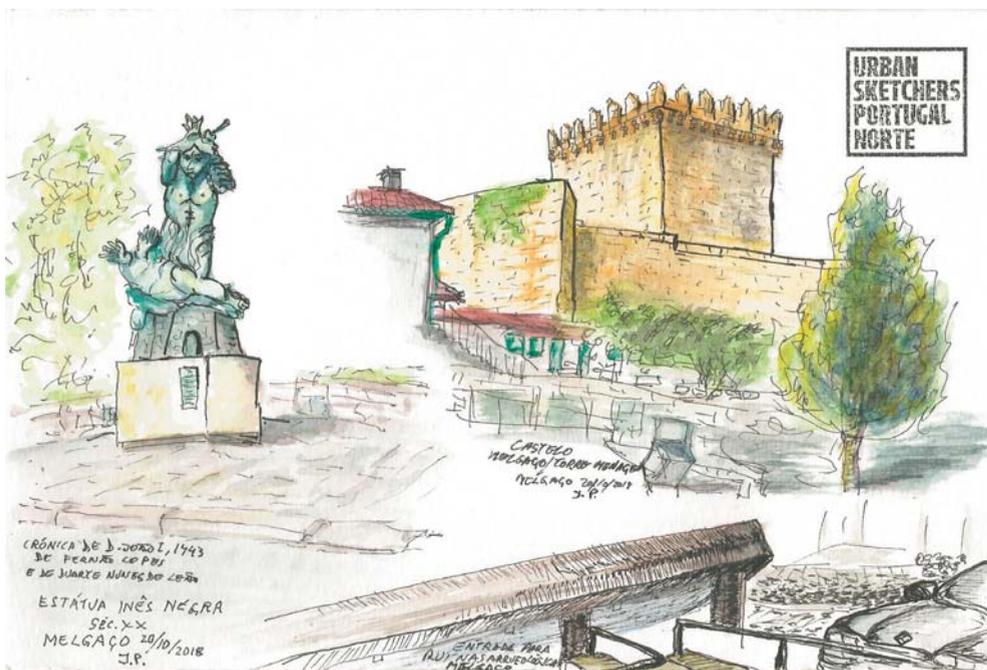
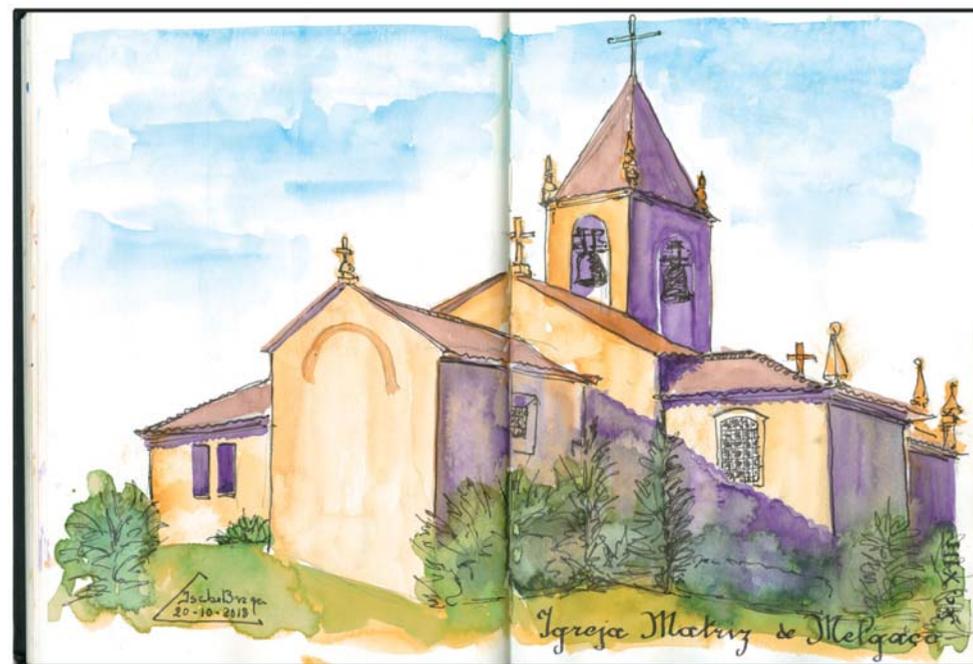


2018.10.20, MELGAÇO, SOLAR DO ALVARINHO

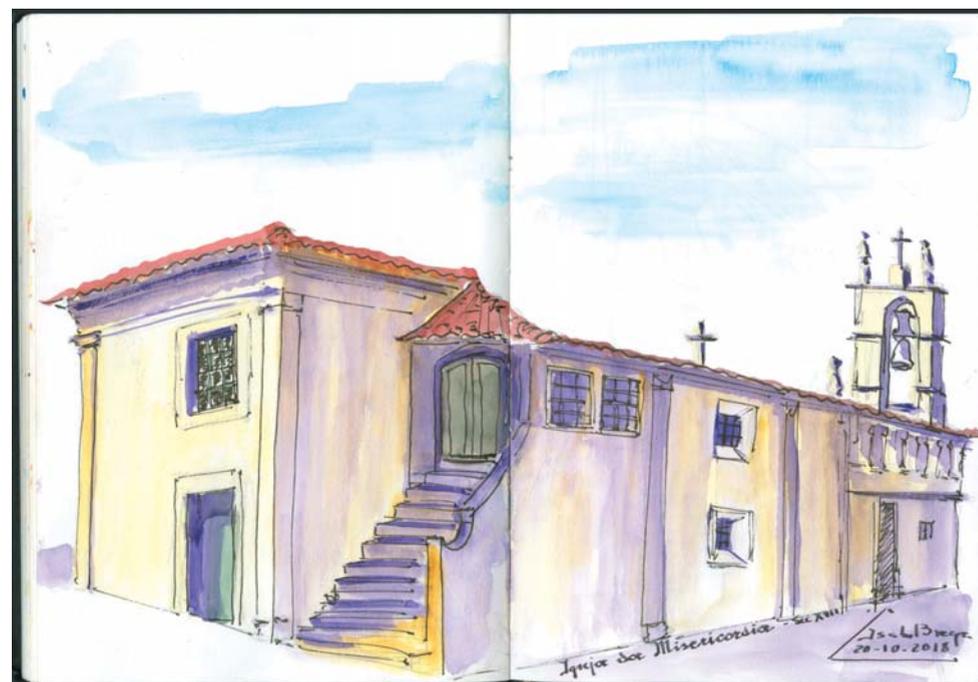
PEDRO CABRAL | Solar Alvarinho (vista da entrada)



CRISTINA COSTA



JOÃO PEREIRA



ISABEL BRAGA



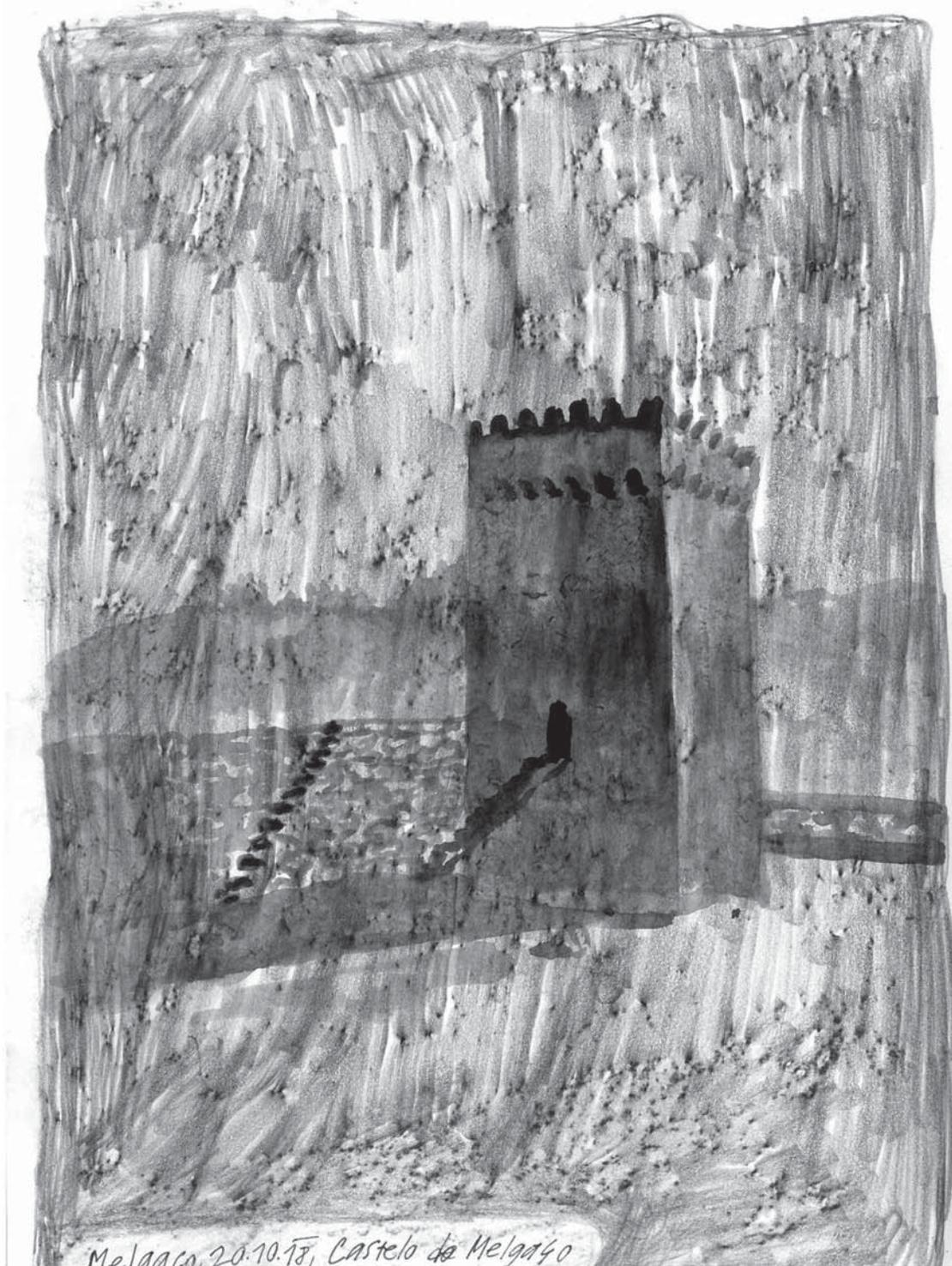
MARCELO DE DEUS



PAULO J. MENDES



PAULO J. MENDES



MARTIN KELBI



■ SOFIA GOMES ■

É natural da República do Congo, trabalha em consultoria na área de Business Intelligence e vive no Turcifal, concelho de Torres Vedras.

Iniciou a prática de desenho em diário gráfico em 2014.

Começou por essa altura a frequentar *workshops* de diário gráfico e a participar nos encontros dos Urban Sketchers de forma regular.

Descobriu uma paixão pela aquarela e tem procurado aprender e desenvolver essa técnica frequentando vários *workshops* com vários artistas nacionais e internacionais.

Desenhar tornou-se um vício, é um desligar da correria do dia-a-dia, é parar para observar e registar no caderno memórias de lugares, pessoas e suas histórias. É assim, a desenhar no caderno, que tem vindo a conhecer, verdadeiramente, a terra onde vive.

Facebook: www.facebook.com/sofia.gomes.5036

Instagram: [sofiagomes8373](https://www.instagram.com/sofiagomes8373)

Monção é uma vila que nos conquista assim que chegamos.

A sua localização junto ao rio Minho oferece paisagens deslumbrantes que nos deixaram sem saber por onde começar a desenhar!

Uma caminhada junto à muralha fernandina ou pela ecopista junto à margem do rio permitem desfrutar da paisagem que faz as delícias de qualquer desenhador e/ou artista.

A vila tem uma vida e uma dinâmica que me surpreendeu. Há sempre alguma coisa a acontecer: a feira, os concertos, o teatro de rua, as recriações históricas. Os cafés e restaurantes estão cheios de gente, há muitos estrangeiros (espanhóis e não só!) que não são indiferentes à beleza e à animação desta vila.

Tanto na vila como nos arredores não faltam motivos para desenhar.

Tivemos oportunidade de visitar a Ponte de Mouro e o Vale de Poldros, localizados nos arredores da vila, mas todas estas visitas nos souberam a pouco. Desejámos poder ficar semanas em vez dos poucos dias que lá estivemos para contemplar, registar e trazer connosco no caderno todos os sítios magníficos que visitámos.

■ TERESA RUIVO ■

Psicóloga clínica, não tem formação artística de base e começou a desenhar em 2014 por graça, sem ter a noção de que o desenho viria a ser tão importante para si.

Gosta de desenhar os lugares por onde passa, os pequenos gestos e rotinas das pessoas e tudo o que a impressiona.

Adora viajar e conhecer lugares distantes, o que não faz sem um caderno na mão.

Desenvolve o projeto «Desenhar Contigo» com crianças do Instituto Português de Oncologia de Lisboa.

Atualmente pertence à Direção dos Urban Sketchers Portugal.

Blogue: teresaruivo.blogspot.com

Instagram: www.instagram.com/teresa.ruivo/

Chegámos a Monção ao fim de uma tarde de quinta-feira, debaixo de um céu plúmbeo que agoirava um fim-de-semana de chuva, tempestades e... cadernos molhados!

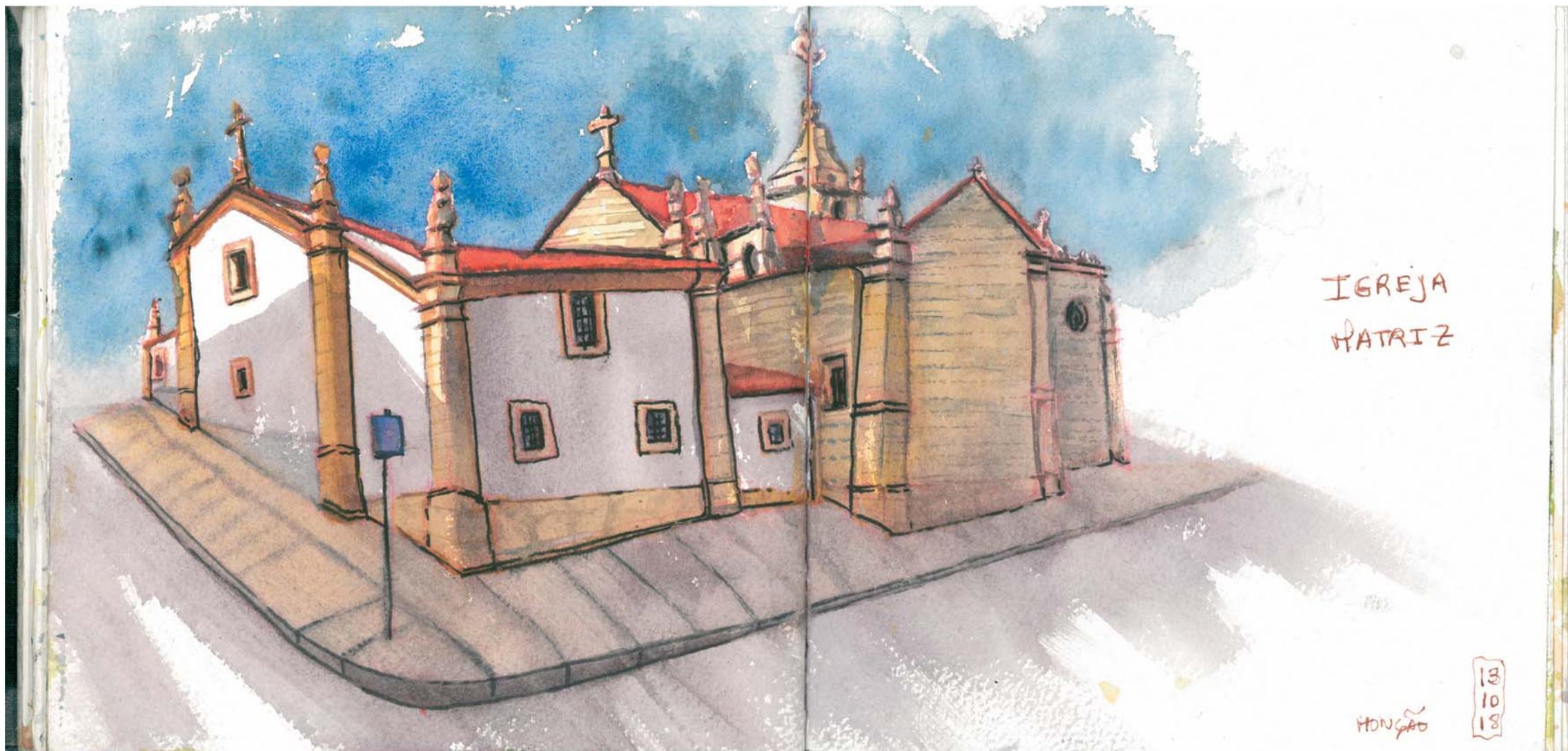
Começámos a passear guiadas por um barulho festivo de concertinas e vozes animadas. Era um cantar à desgarrada, tão alegre e genuíno que não resisti desenhá-lo.

Depois foi deambular pela vila, perder-me nas ruas, nas muralhas seiscentistas, nos miradouros, e fazer aquilo de que mais gosto: andar, olhar, deixar-me encantar e desenhar. Foi o que fiz com a Igreja da Misericórdia, a Praça Deu-la-deu, o Museu do Alvarinho, a maravilhosa vista para o rio Minho, o Convento dos Capuchos ou os seculares espigueiros.

Ora debaixo de chuva, ora debaixo de sol, mas sempre com tons outonais, explorámos os arredores de Monção: Ponte de Mouro, Torre da Lapela, Santo António de Val de Poldros. Que delícia! São povoados medievais, brandas, torres, praias fluviais, tudo de uma tão indescritível beleza que a vontade é de que o tempo pare, para que nada nem ninguém possa destruir uma só pedra deste maravilhoso património histórico e natural.

Que bem que soube partir num autocarro da Rede Expressos, deixar para trás a capital e submergir assim, de corpo e alma, no coração do Alto Minho!





SOFIA GOMES | Igreja Matriz

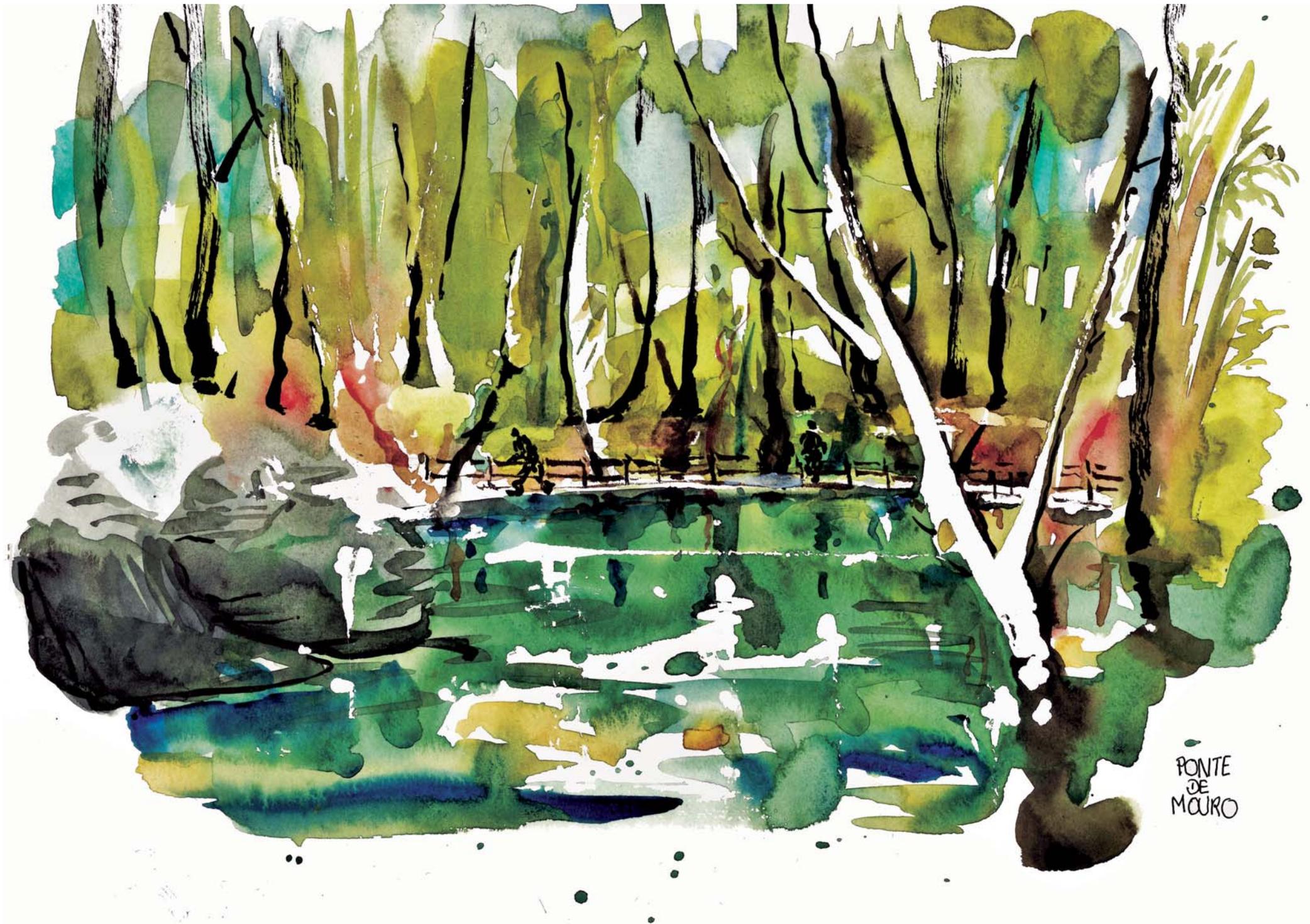






CONVENTO dos CAPUCHOS





PONTE
DE
Mouro

TERESA RUIVO | Ponte de Mouro





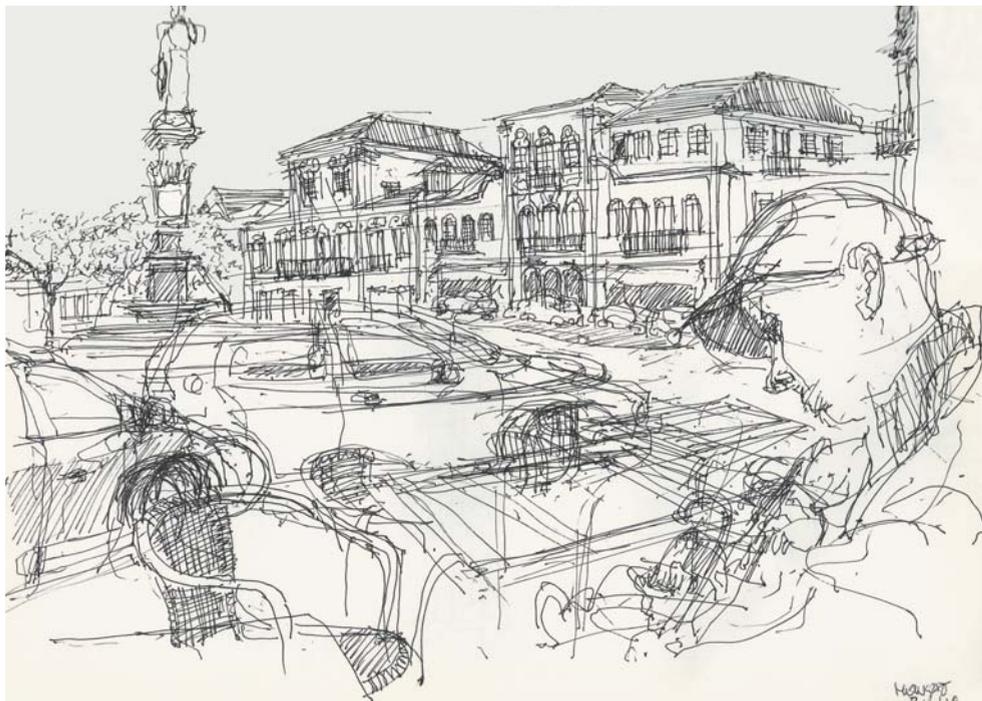
FRANCISCO AZEREDO



JOÃO PEREIRA



PEDRO ALEGRIA



PILAR ABREU LIMA



ROMEO MATEUS

■ PAULO J. MENDES ■

Nascido no Porto, frequentou a Escola de Artes Decorativas Soares dos Reis e trabalhou como desenhador de publicidade em listas telefónicas e como pintor de azulejaria. Experiências ocasionais em registos tão diversos como o desenho de medalha e de *ex libris*, pintura e ilustração. *Urban sketcher* desde 2014, dedica-se atualmente em exclusivo a esta atividade.

Blogue: postalguarelas.blogspot.com/
Instagram: www.instagram.com/pauloj.mendes/

Paredes de Coura: estradas serpenteando entre socalcos e tufos de arvoredos, belos exemplares de arquitetura vernacular e senhorial, riachos, moinhos, cruzeiros. E, visível desde qualquer ponto, o branquejar de alguma das típicas igrejas minhotas.

Cheguei à vila num gélido janeiro, mês pouco amigo dos desenhadores pelo frio e poucas horas de luz, mas sobretudo pela velocidade com que aquela e respetivas sombras avançam, mudando as «regras do jogo» a cada mirada. Como plano, o primeiro dos três dias para paisagens e aldeias; o segundo, para a sede do concelho; e o terceiro, para alguns exemplares do património histórico.

Na manhã do primeiro dia capturei duas aldeias da área do Corno de Bico: Seara e Gaviães. Pela tarde, em demanda do núcleo de moinhos de Porreiras, passei primeiro pelas altitudes do Santuário da Senhora da Pena.

No segundo dia, todo ele na vila, horas aprazíveis no escadório fronteiro à Capela do Espírito Santo, capturando um pouco de ambos num reencontro com o meu amado Barroco. À tarde, por entre o convívio com o grupo vindo do Porto, não podia esquecer, no ponto mais central, a brancura da Igreja de Santa Maria contrastando com o sangue-de-boi do edifício da Câmara.

Ao terceiro despedi-me da vila, indo em busca da incontornável Casa Grande de Romariães. Implantada em local de difícil enquadramento, com sol de frente e temperatura nos limites do exequível, foi fraco o resultado para tão belo monumento. Melhor correu na Igreja Românica de Rubiães. Para me redimir do desaire inicial, voltei atrás para desenhar outra belíssima casa que me ficara na retina: a de Santa Ana da Seara onde, embalado pelo manso cantar do ribeiro que lhe corre ao lado, me despedi desta região com a qual senti ter criado uma ligação especial.

Não deixando de concluir que três dias, sobretudo em janeiro, não dão absolutamente para nada...

■ VITOR VELEZ ■

Nasceu em 1994 em Lisboa. Tendo frequentado as Universidades de Arquitetura de Lisboa e do Porto, vive e trabalha atualmente em Poznań, na Polónia. A par da arquitetura, dedica-se igualmente ao desenho e à pintura. A sua obra é naturalmente influenciada pela sua experiência educacional e centra-se na procura de identificação e compreensão dos padrões e ritmos que compõem o ambiente que nos rodeia, sejam eles naturais ou construídos. Isto permite-lhe, através das suas obras, descobrir as mais fascinantes situações e detalhes, normalmente invisíveis a um comum olhar desatento.

Instagram: www.instagram.com/theheadlessketcher/

A minha estada em Paredes de Coura, reconhecida sobretudo pelo seu património natural, proporcionou-me uma experiência memorável, onde ao enorme desafio de olhar, desenhar e pintar alguns dos edifícios ou locais mais queridos e representativos do quotidiano da vila, se uniu o contacto e descoberta da cultura e identidade locais.

Recordo com especial estima uma manhã passada sentado à sombra de uma árvore na margem do rio Coura, junto à ponte romana de Rubiães. Enquanto o desenho ganhava forma no caderno, vários peregrinos, sozinhos ou em pequenos grupos, atravessavam a ponte no seu caminho em direção a Santiago de Compostela, enquanto acenavam, cumprimentavam e por vezes deitavam um olhinho ao caderno.

De igual forma, foi muito encantadora a visita à Paisagem Protegida do Corno de Bico onde, guiado por um amigo que fiz na vila, desenhei algumas das vistas mais estonteantes da região.

Não me posso esquecer, claro, das fantásticas pessoas que conheci ao longo desses dias, especialmente os meus amigos de seis e sete anos, do A.T.L. da vila, com quem falei sobre quem são os *urban sketchers*, o que fazemos, e com os quais passei uma agradável tarde a pintar, incentivando-os a descobrir diferentes maneiras de olhar o que nos rodeia.



PAULO J. MENDES | Largo do Visconde de Mouselos



Casa de Santa Ana da Seara









EDUARDO SALAVISA



RUI QUEIRÓS



FRANCISCO AZEREDO



largo da Feira (mercado) Paredes de Coura



19. Jan. 2019



largo da feira (mercado) Paredes de Coura.



19. Janeiro, 2019.



JOANA VIEIRA DA SILVA



JOÃO PEREIRA



JOEL CORREIA

■ ANA LUÍSA FRAZÃO ■

«Desenhar em cadernos é um divertimento, uma forma de desfrutar do mundo e dos amigos com um tempo que não se rege pelo relógio mas sim pelas linhas do um desenho». Mestre em *Design* e Cultura Visual pelo IADE, é professora de Artes Visuais. Desenha em cadernos e participa em encontros desde 2009. Atualmente dá *workshops*, cursos e conferências sobre desenho em cadernos em Portugal e em Espanha. Tem participado em exposições em Portugal, Espanha, Marrocos, Itália e Brasil.

Autora do livro *Uma Semana na Cozinha | Una Semana en la Cocina* e co-autora de *O Camiño Urbano, natureza no km cero*, El Patito Editorial.

Foi em setembro que te conheci...

Ponte da Barca tem uma beira-rio deliciosa que nos acolhe com carinho, com cores e reflexos inesquecíveis. Para quem é de terras planas onde as casas são brancas, o Norte tem um encanto diferente e especial. A cor da pedra que domina a arquitetura, a luz que passa por entre as ruas estreitas e até o chão que pisamos é diferente.

Foi em setembro que percorri aquelas ruas e que ouvi palavras soltas de gente que se despedia da terra para voltar no próximo ano. Desenhar sozinha tem destas coisas... Era hora de regressar e pairava no ar uma certa nostalgia, como nas quadras dos lenços dos namorados.

Percorri as ruas cheias de sol e com a curiosidade de quem desenha registei no meu caderno alguns locais da cidade. Fui ao mercado e adorei – faz parte da vida de uma cidade nortenha o mercado semanal, onde tudo se pode encontrar –, mas foi mesmo em frente a uma senhora que estava a vender galinhas que me detive e desenei uns belos galos, muito senhores da sua crista, e poedeiras boas e meiguinhas, segundo a vendedora:

«– Estas minhas galinhas são muito meiguinhas! Ó freguesa não sabe deitar? Encosta um cartão na parede, bota-lhe um pouco de palha e vai ver que elas começam a pôr. Quando estiver choca deita-lhe os ovos e deixe-a estar sossegadinha. Tem um galo bom? Olhe que esta está quase a começar a pôr!».

■ SARA SIMÕES ■

É ilustradora e *designer*. Apaixonada pelo desenho e pela contemplação da natureza, trilhou caminhos desde o *design* industrial até à ilustração. Aprendeu ilustração científica com Pedro Salgado e fez desenho de campo com o Grupo do Risco nas Berlengas, Douro, Laurissilva Madeirense, Amazónia, Arrábida e Noudar.

É autora do livro *Uma mão cheia de amoras* (2007). Ilustrou três livros infantis escritos por Fernanda Botelho dedicados às plantas e à ecologia: *Salada de Flores*, *Sementes à Solta* e *Hortas Aromáticas* (Dinalivro, 2011 a 2013).

Dá formação em desenho, aquarela e multimédia. Organizou dois retiros e orienta mensalmente uma oficina de desenho ao ar livre na Casa da Cerca em Almada.

Blogue: www.velhadaldeia.blogspot.com

Facebook: www.facebook.com/sara.simo.es.ilustracao

Instagram: www.instagram.com/velhadaldeia/

Terra nutrida pela generosidade do rio Lima, protegida por montes enevoados, ornada de tesouros silvestres.

O céu cor de chumbo, em vez de despertar cautela, desafia a trazer a poesia da luz ao caderno, refugiado da chuva sob carvalhos e castanheiros monumentais.

A povoação é pequena e dá-se-lhe a volta rapidamente, mas surpreende pela vivacidade do comércio e da animação. Há uma história inscrita no granito e quero capturá-lo a branco e a preto sobre papel castanho.

Sou atraída – irresistivelmente – a aquarelar a exuberância cromática da vegetação das margens. Caminho até Bravães, vestígio românico que expõe a nossa pequenez ao firmamento.

Reflito sobre a identidade *urban sketcher* e contrário a minha tendência para focar a natureza e omitir elementos urbanos. Rendo-me à realidade de uma rotunda para enquadrar o pitoresco da paisagem, agradada pelo esmero com que o espaço urbano é ajardinado.

Determino o melhor local para registar a vista da localidade com a ponte sobre o Lima. Instalo-me num talude sobre uma horta primorosa com vinhas e roseiras no auge da floração. Temo deixar cair o material às batateiras enquanto permaneço seca graças aos impermeáveis. O guarda-chuva mínimo protege-me a cabeça mas não chega para a aquarela, que é esbatida no papel.

Que riqueza, poder trazer no caderno a memória dos cheiros a ervas, da humidade, dos chilreios e da rugosidade da cantaria!

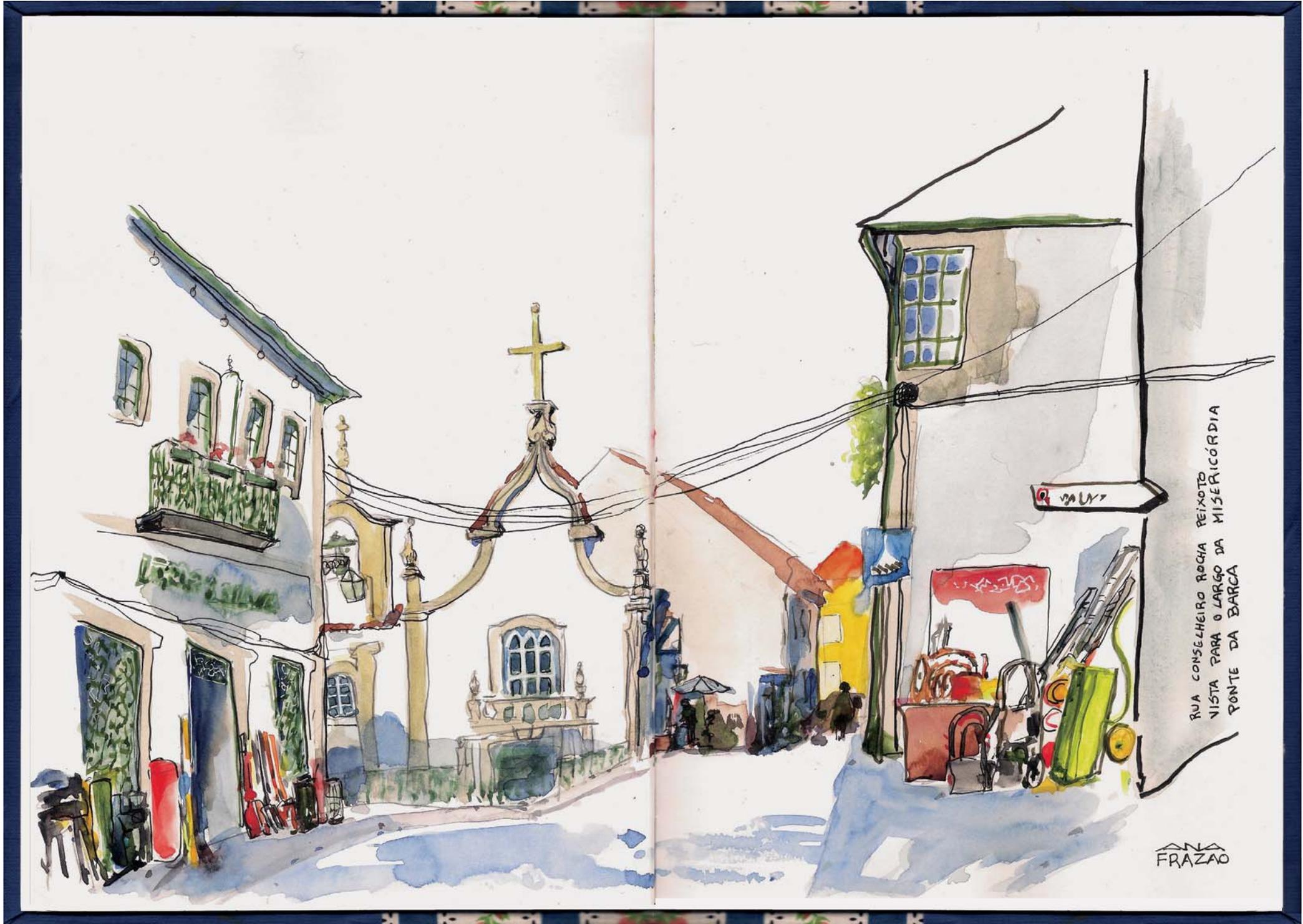


ANA FRAZÃO | Largo Dr. Queirós Vaz Guedes

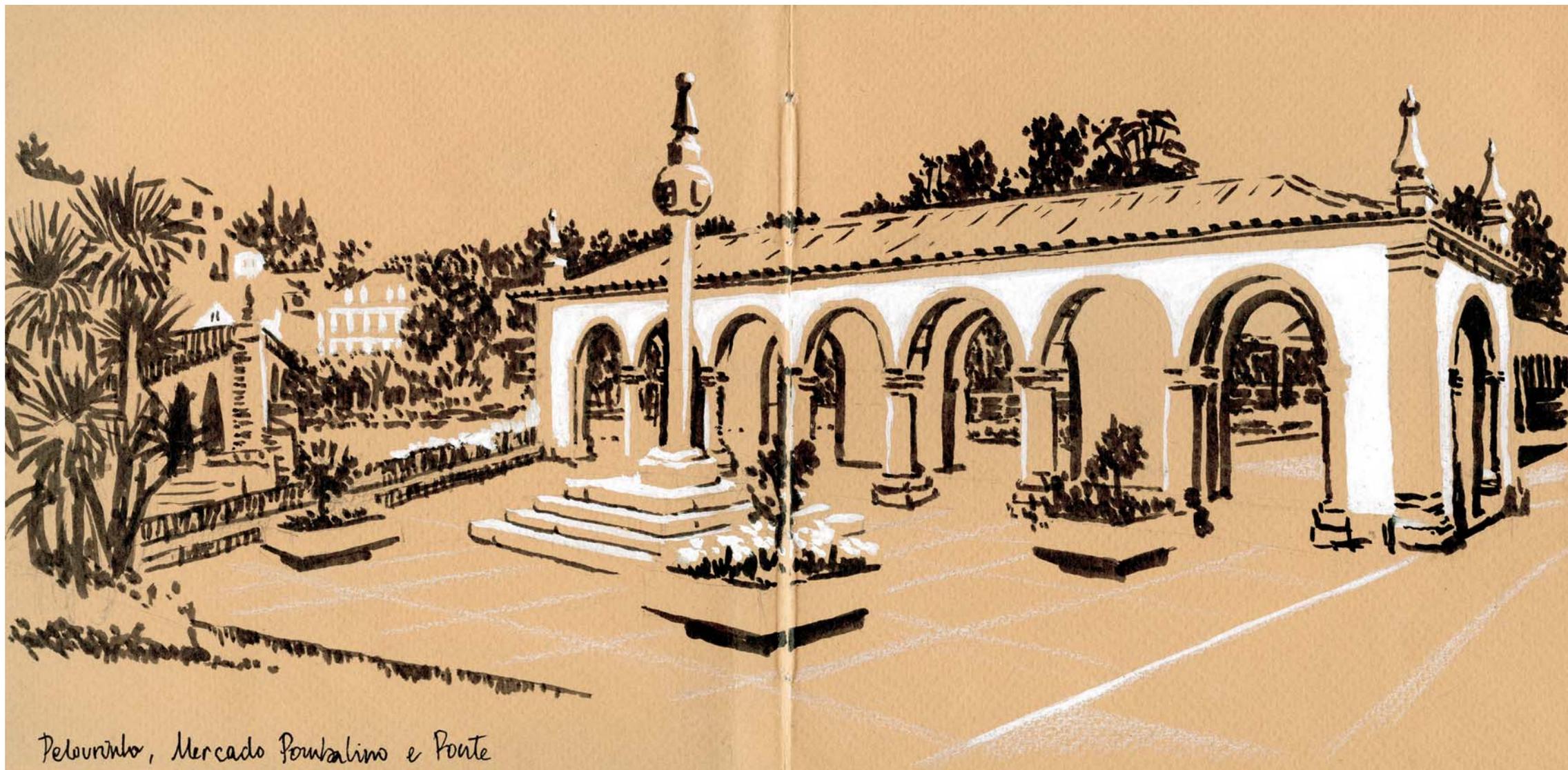


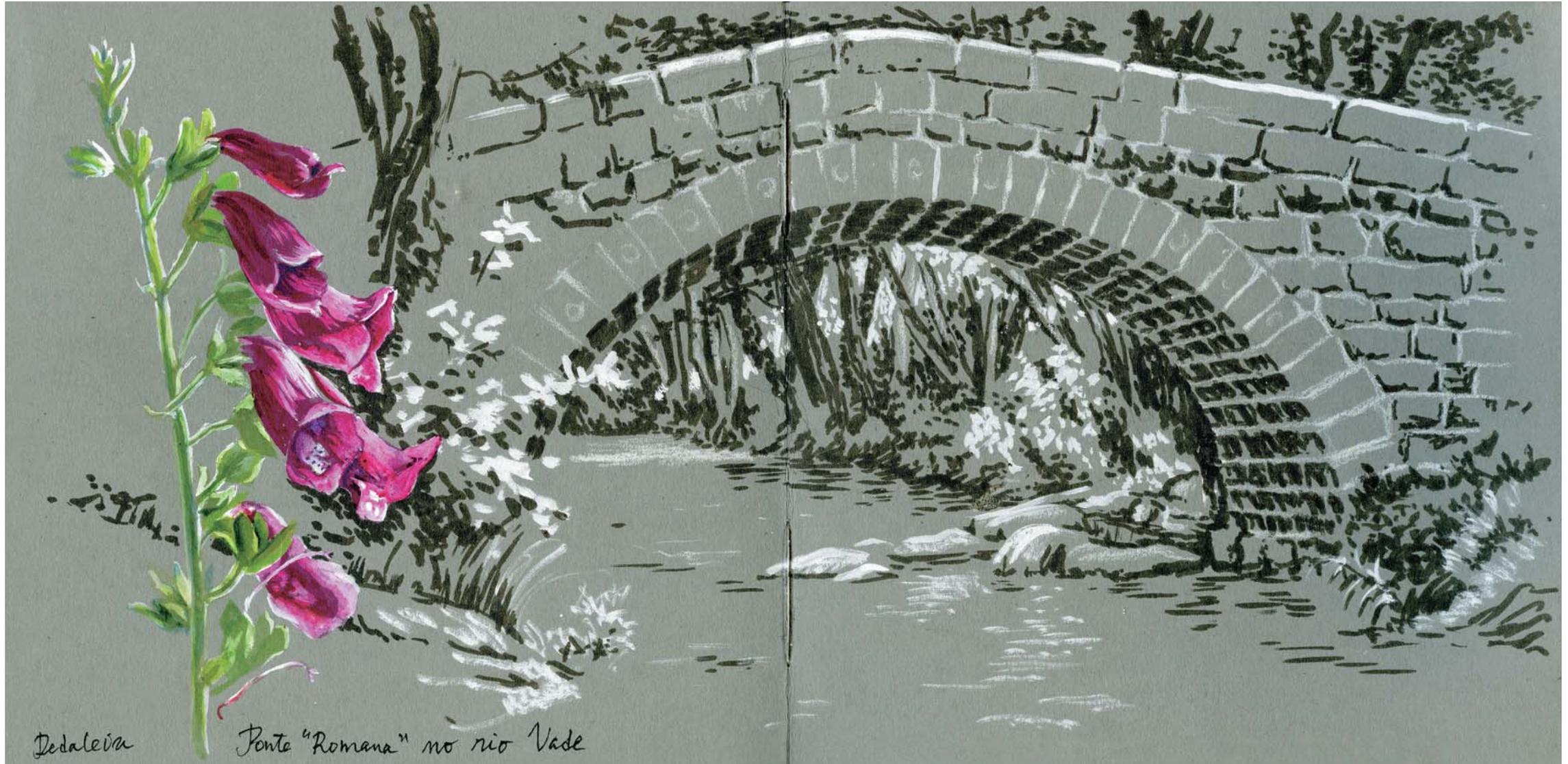
ANA
FRAZÃO

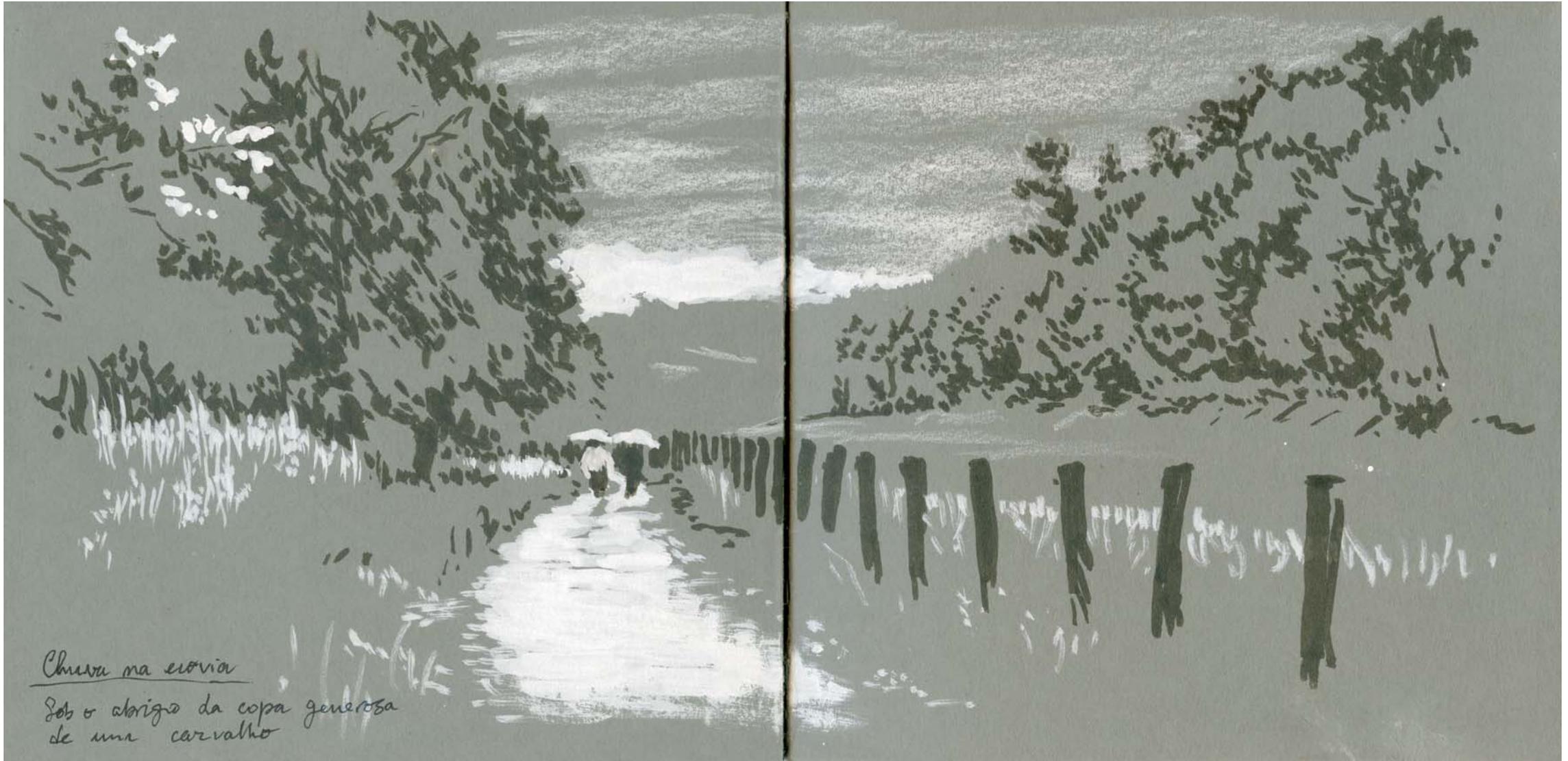
VAMOS ÀS COMPRAS
HOJE É
DIA DE
MERCADO
EM PONTE DA
BARCA



ANA FRAZÃO | Rua Conselheiro Rocha Peixoto

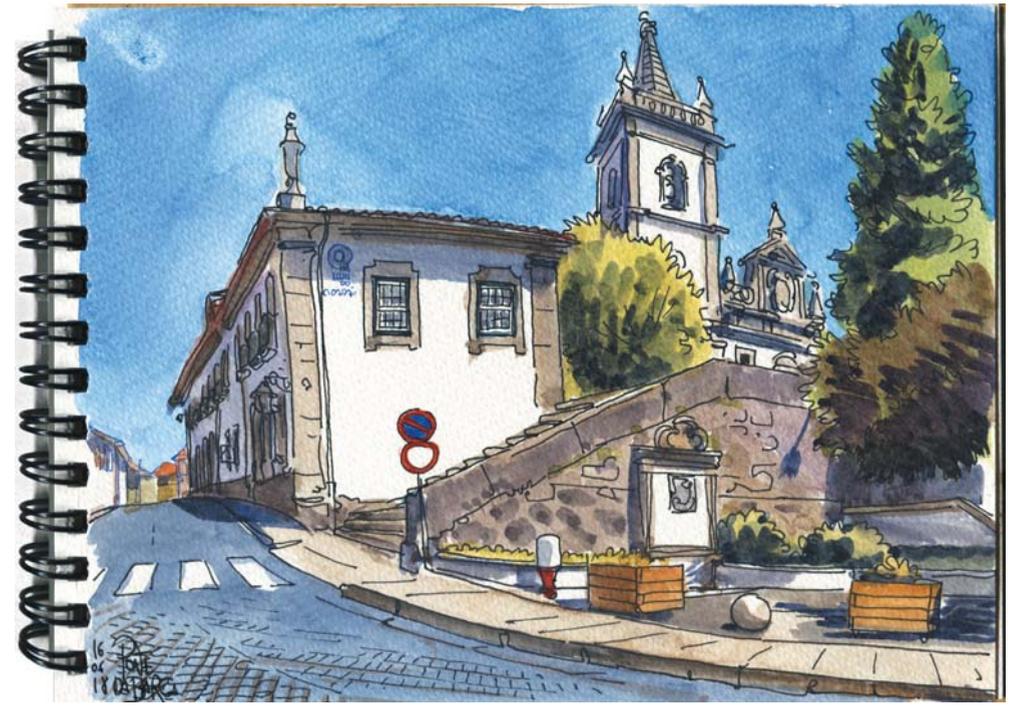








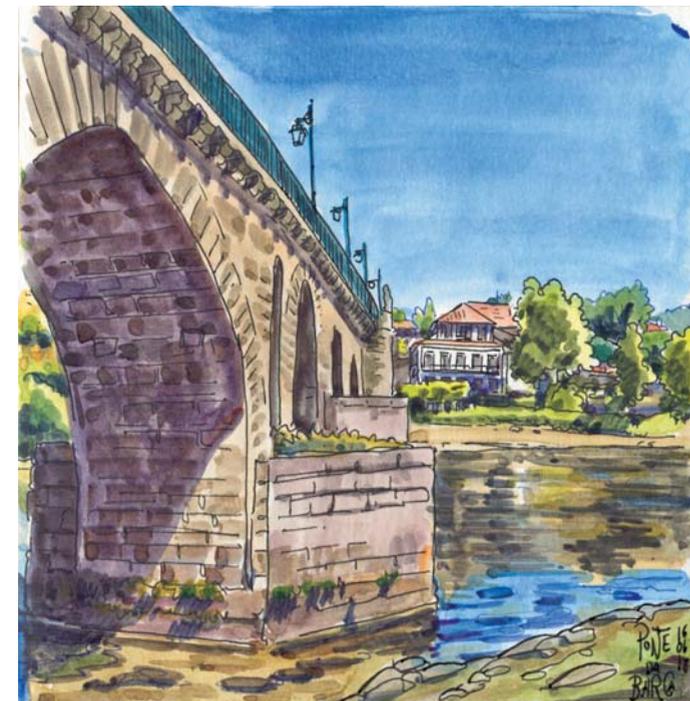
HELENA F. MONTEIRO



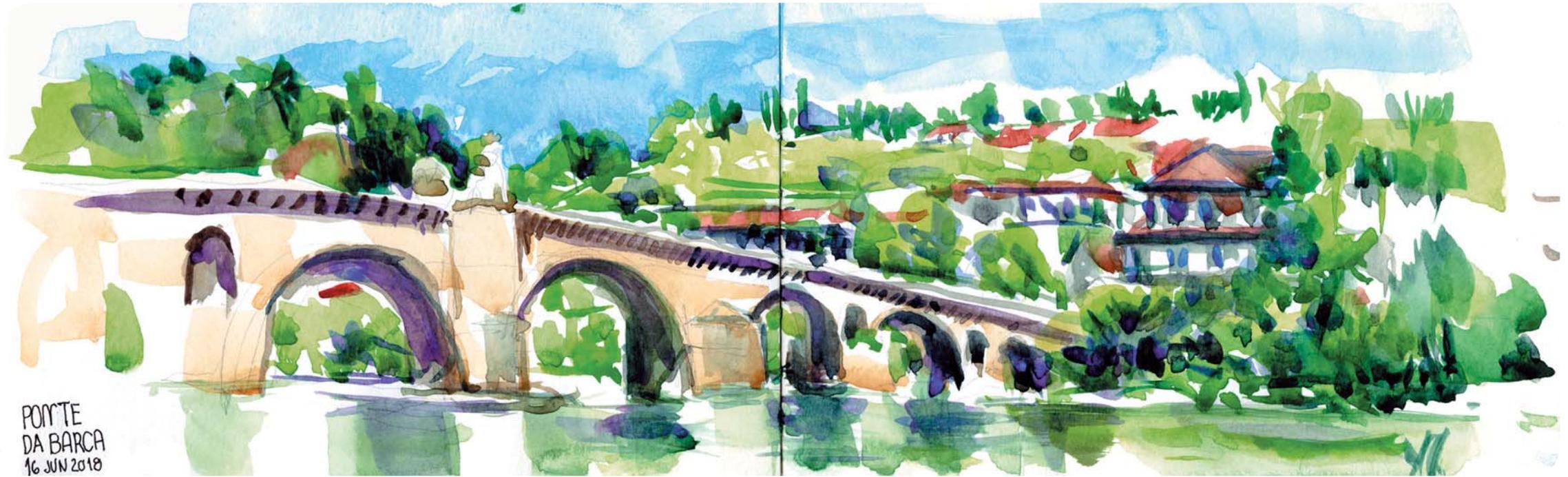
PAULO J. MENDES



PAULA POTE AZEREDO



PAULO J. MENDES



PONTE
DA BARCA
16 JUN 2018

ROSÁRIO FÉLIX



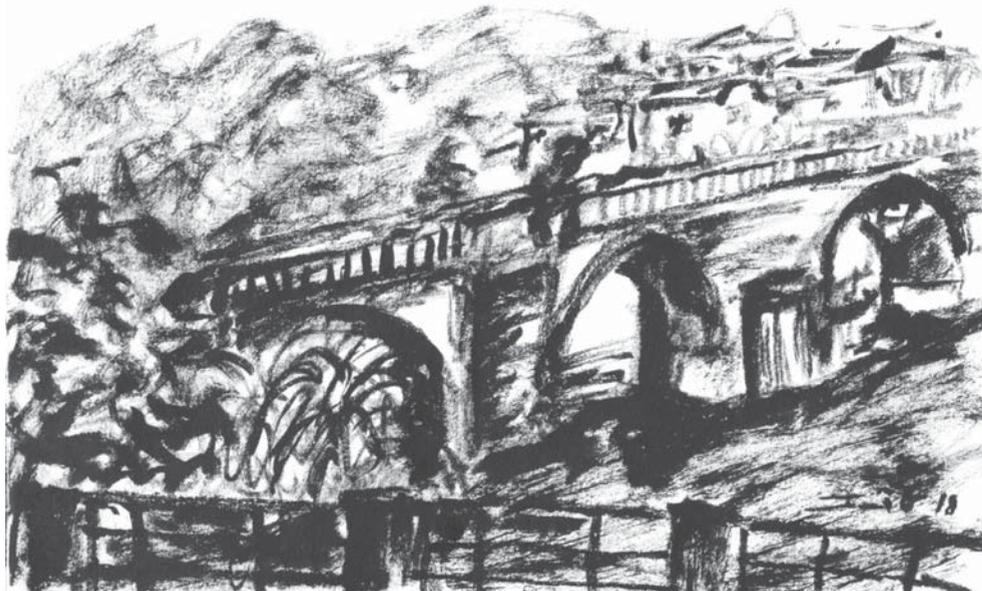
FRANCISCO AZEREDO



FRANCISCO AZEREDO



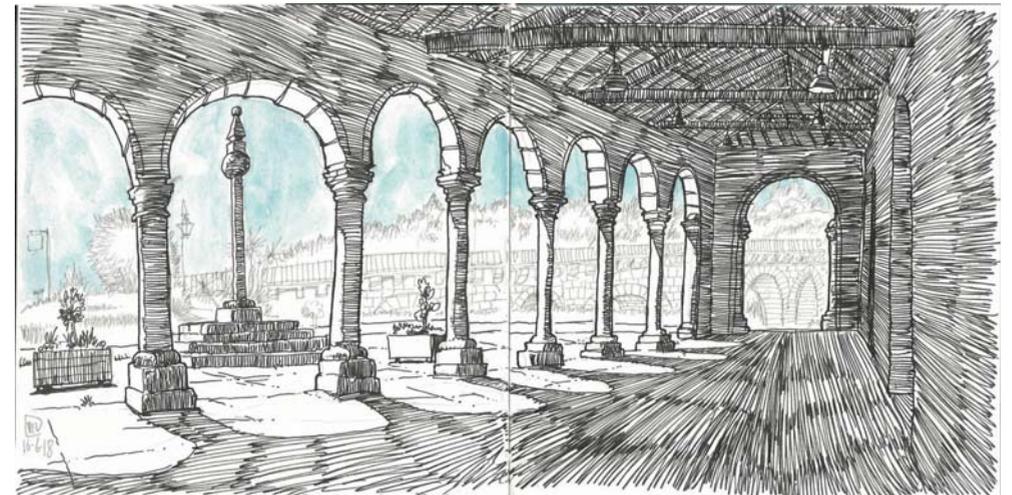
INÉS GAMA



INÉS GAMA



VICENTE SARDINHA



VICENTE SARDINHA

■ MARCELO DE DEUS ■

Nasceu em 1973 em Viana do Castelo, onde vive e trabalha. Licenciado em Ciências Sociais.

Autodidata, nunca desenhou até aos 40 anos. Atualmente desenha todos os dias, diretamente com caneta em dupla página, num diário gráfico que transporta para todo o lado, juntamente com um estojo portátil de aquarelas.

Colaborador regular do blogue Urban Sketchers Portugal. Anfitrião do coletivo para a sua cidade. Desenha sobretudo enquanto espera... Por algo, ou por alguém.

Expôs pela primeira vez em 2018 os seus trabalhos na sua cidade natal.

Espero bem... É a marca com que se apresenta e agradece a todos os que o fizeram esperar nos últimos cinco anos.

Blogue: aventuracomsuperhomem.blogspot.com

Instagram: www.instagram.com/marcelodedeusmatos/

Estamos na vila que não quis ser cidade... E isso diz quase tudo sobre este local e sobre as suas gentes.

Desde a Idade Média, Ponte de Lima permanecia como um ponto de passagem obrigatória no cumprimento do Caminho Português que conduzia à obtenção da indulgência em Santiago de Compostela.

Rima com Romaria. Anuncia-se como a mais antiga.

Passei aqui três dias em busca de recantos desenháveis... Para o Ano Europeu do Património Cultural, espreitando por perspetivas menos óbvias. Fui sobretudo abordado por peregrinos, a caminho de Santiago, curiosos com o que fazia. Não fosse o tema o património edificado e – pensei bastas vezes – havia de desenhar uma concertina, uma Cachadinha, ou a Cinda dos Rojões... Património sem dúvida.

Sou minhoto e estou em casa. Venham de lá os rojões e o sarrabulho, soltem as concertinas rua abaixo que o vinho verde da região há-de soltar a língua aos «cantadores»!

Tudo rima porque tudo ainda é muito autêntico.

Aqui percebe-se melhor o Minho.

Aqui sabe melhor o vinho.

O tempo chegou ao fim e não tinha desenhado a ponte sobre o rio Lethes, o tal, do esquecimento!

Não faz mal, pensei... Tanta gente se enamora desta vila que haverá sempre alguém que o faça melhor do que eu.

■ VICENTE SARDINHA ■

56 anos, casado, dois filhos. Engenheiro de formação e professor de profissão. Desenha desde pequeno e é membro dos Urban Sketchers desde 2008. Participou em encontros de desenho um pouco por todo o mundo mas sobretudo em Portugal e Espanha. Gosta de livros em geral e de banda desenhada em particular, de cinema e de fotografia, mas sobretudo de desenhar e viajar.

Não conhecia Ponte de Lima antes de participar nesta iniciativa. De facto, não conhecia o Alto Minho antes do «Sketching com História». Aproveitei esta oportunidade e fiz o aquecimento prévio nos encontros de Caminha e de Ponte da Barca e, depois, finalmente, a minha residência em Ponte de Lima.

Para um alentejano habituado à planície surpreendeu-me aquele solarengo setembro, naquela antiga vila medieval encostada ao rio.

Nos três dias que por aqui passei aproveitei para fazer turismo, visitar museus (Museu Militar, Museu do Brinquedo e Museu dos Terceiros) e, sobretudo, caminhar. Percorrer ruas, atravessar a ponte velha, procurar a sombra da muralha, descansar encostado às pedras da torre da Cadeia Velha, desenhar.

Cheguei a Ponte de Lima no final das Feiras Novas e ainda pairava no ar o reflexo dos foguetes e ao longe ainda se ouvia o eco dos cantares ao desafio.

A tradição corria junto ao rio.



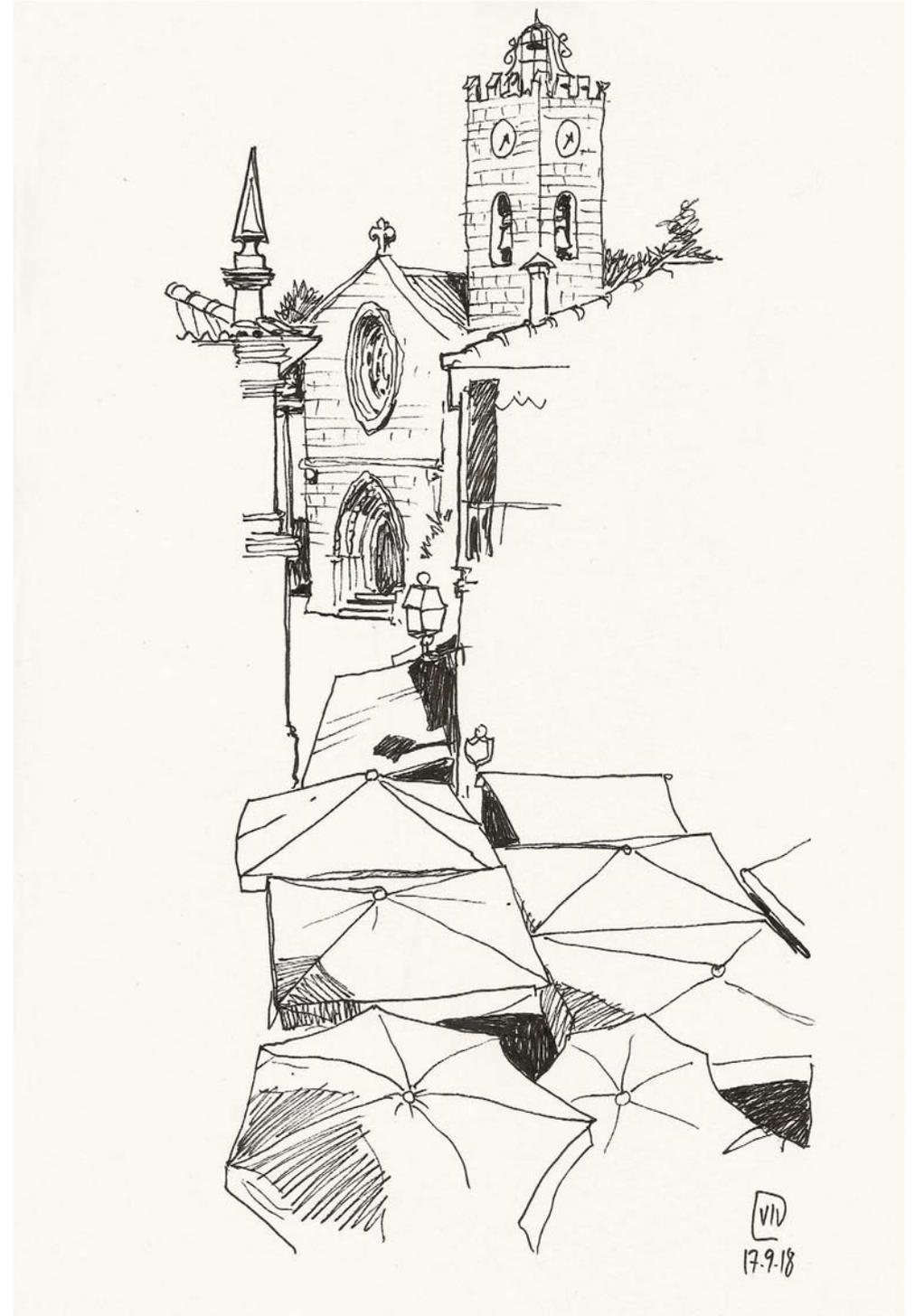








VICENTE SARDINHA | Largo da Picota



Igreja da Misericórdia



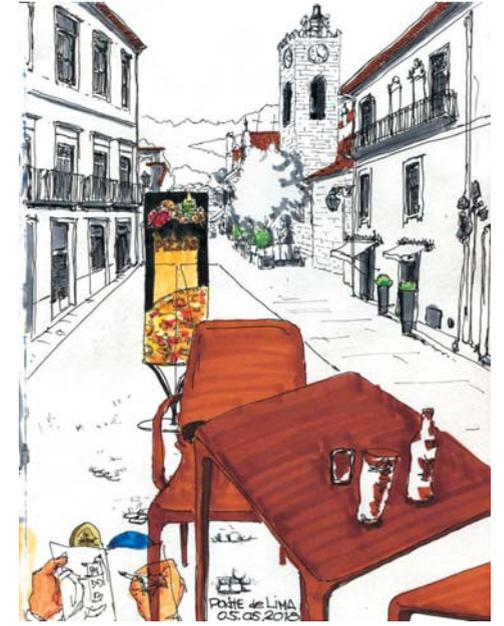




PAULO J. MENDES



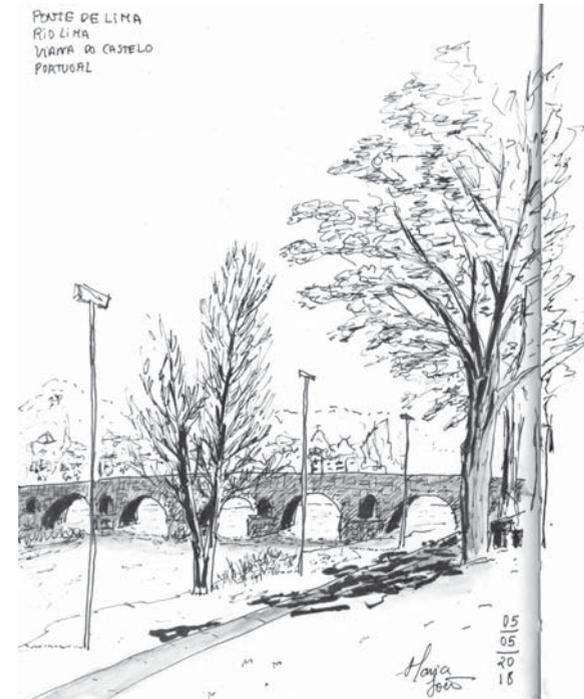
ARMANDO BALDAIA



ARMANDO BALDAIA



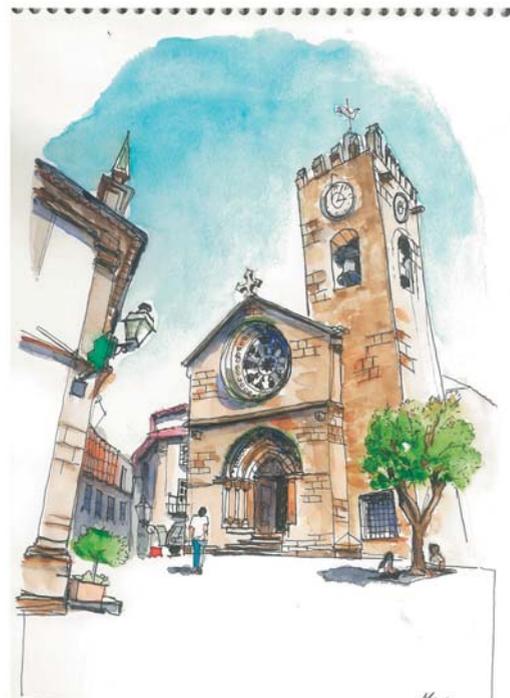
ANTÓNIO PINA



MARIA JOÃO FREITAS



MARTINE COURTET DA SILVA



MIÚ



VITOR VELEZ

■ ANTÓNIO LATINO TAVARES ■

É arquiteto e tem 75 anos. Em 1962, no começo do curso, era, enquanto aluno, obrigado a desenhar na rua, e a mostrar os cadernos. Assim começou o vício de desenhar, primeiro em pequenos grupos e depois sozinho. Desenhava-se com canetas de tinta da china, e acabava-se com uma aguada da mesma tinta. Tem ainda desenhos desses, datados de 1963. Continuou a desenhar sozinho até conhecer os USkP em 2011. Desde aí tenta participar sempre que pode. Quando está mais confiante desenha com caneta, mas quando começa a falhar demasiado regressa ao lápis e à borracha.

Ao entrar na cidade, depois de atravessar as portas do Revelim, da Coroada e da Cidadela, é que se entende bem o significado de uma cidade fortificada.

Lá dentro o reboliço é total. Turistas espanhóis nas esplanadas, ou às compras nas lojas, cruzam-se com romeiros a caminho de Santiago de Compostela.

Tenho dificuldade em arranjar um local aonde possa desenhar tranquilamente!

Porém, e de repente, a cidade ficou deserta! Fecharam as lojas, foram-se os turistas e eis que fico só, sim, apenas eu, cercado pelas muralhas.

Mas que sensação tão estranha!

Respiro fundo e, mais calmo, aproveito para desenhar o que me apetece, tranquilamente e sem embaraços.

Tentei desenhar três tipos de situações: a Fortaleza em si, com as portas; a vista sobre o rio e sobre Tuy; e a proteção à única fonte fora de portas.

Desenhei também diversos tipos de arquitetura dentro das muralhas e, por último, fiz um percurso pelo concelho e desenhei os elementos mais marcantes, tais como os conventos de Sanfins de Friestas e de Ganfei, a Torre da Silva, a Quinta do Crasto, e também uma vista imperdível da Torre da Lapela.

■ ISABEL ALEGRIA ■

Nasceu no Porto e rumou para Sul ainda de colo, onde os seus pés nunca formaram raízes.

Viaja ao sabor do coração e da consciência, sempre com dois cadernos, um para os momentos de ficar, na construção de algo que demoradamente se saboreia em aguadas dos sentidos, e que talvez um dia se torne árvore, e outro para os rápidos voos do seu coração de andorinha.

Encontrou-se com os Urban Sketchers pela primeira vez em 2012.

Site: viajandoapoesiadaluz.wixsite.com/apoesiadaluz

Blogue: viajandoapoesiadaluz.blogspot.com

Instagram: www.instagram.com/alegria.m.isabel

Facebook: m.facebook.com/alegria.m.isabel

Valença revelou-se para mim quando atravessei a fortaleza, de mochila às costas a caminho de Santiago, e desenhei no meu caderno um carvalho antigo.

Regressando, as árvores cativaram-me mais uma vez, e também as aves que ao longo do dia por elas passavam.

Para mim é sempre evidente como as árvores tornam os espaços urbanos belos. O equilíbrio entre natureza, arquitetura, e a humanidade das gentes, fazem-me sentir parte do lugar, num acolhimento que aquece o coração.

E não foi só a parte mais antiga que me cativou.

Perto da estação de comboios há árvores lindas. Aguardando a marcação de uma aula sobre desenho ao vivo em cadernos para jovens de Valença, acabei por só ir no inverno, o que parecendo uma inconveniência, com dias curtos e uma temperatura nem sempre convidando a desenhar no exterior, se revelou uma dádiva, a de ver as camélias floridas e as magnólias a florescer.

E em árvores altíssimas formando uma alameda, as pegadas, que de dia via passar em pares por toda a fortaleza, reuniam-se ao fim do dia para dormir. Lembro o poeta Ruy Belo: «Eu amo as árvores principalmente as que dão pássaros».

O meu roteiro de viagens é orientado pelo fascínio das árvores, muitas urbanas. E já aí está o regresso a Valença, quando dos apontamentos de pássaros e árvores que fiz à margem do que desenhava nascerão novos desenhos e pinturas.

Em Valença, que trouxe comigo bem aconchegada no peito, redescubro as palavras do poeta: «Eu passo e muda-se-me o coração».



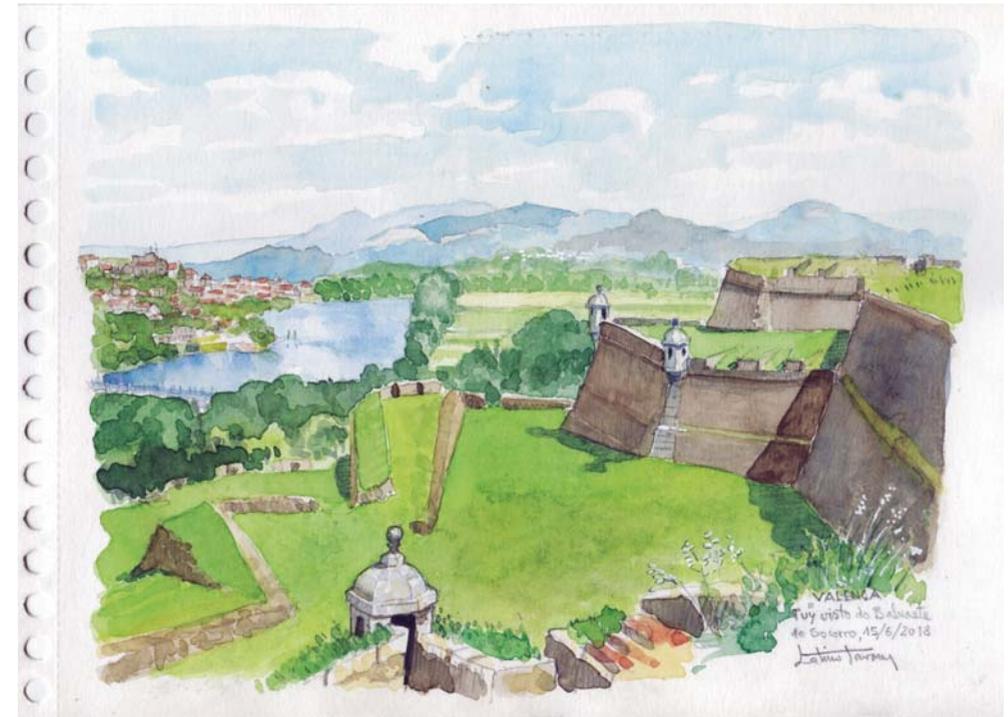
ANTÓNIO LATINO TAVARES | Marco Miliário Romano



Largo Visconde de Guraíba



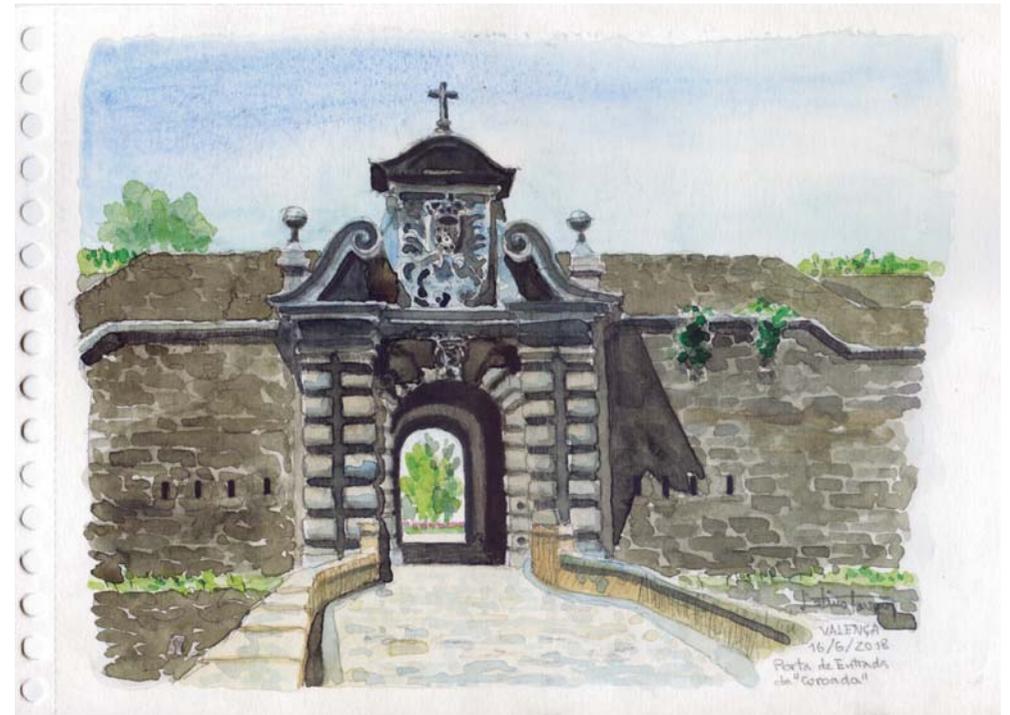
ANTÓNIO LATINO TAVARES | Largo Dr. José Maria Rodrigues



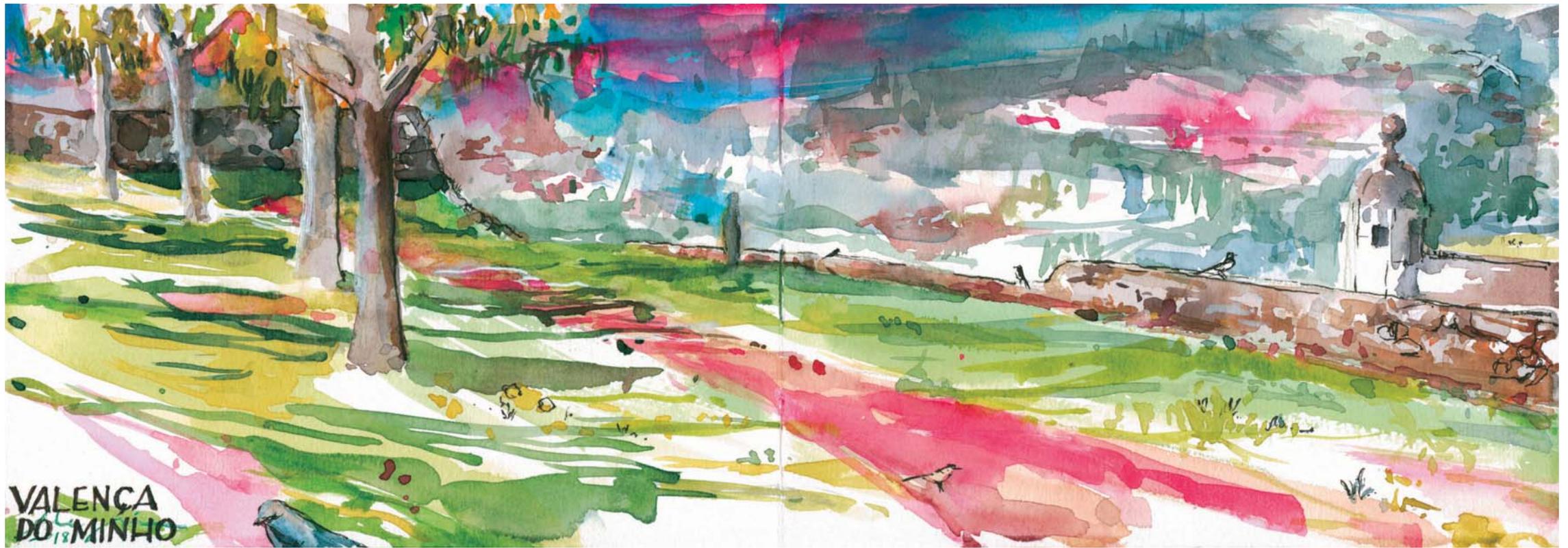
Tuy visto do Baluarte do Socorro



ANTÓNIO LATINO TAVARES | Rua da Trindade



Porta de entrada da Corroada





ISABEL ALEGRIA | Fortaleza, lado oeste



ISABEL ALEGRIA | Fortaleza. Ponte vista de Tui



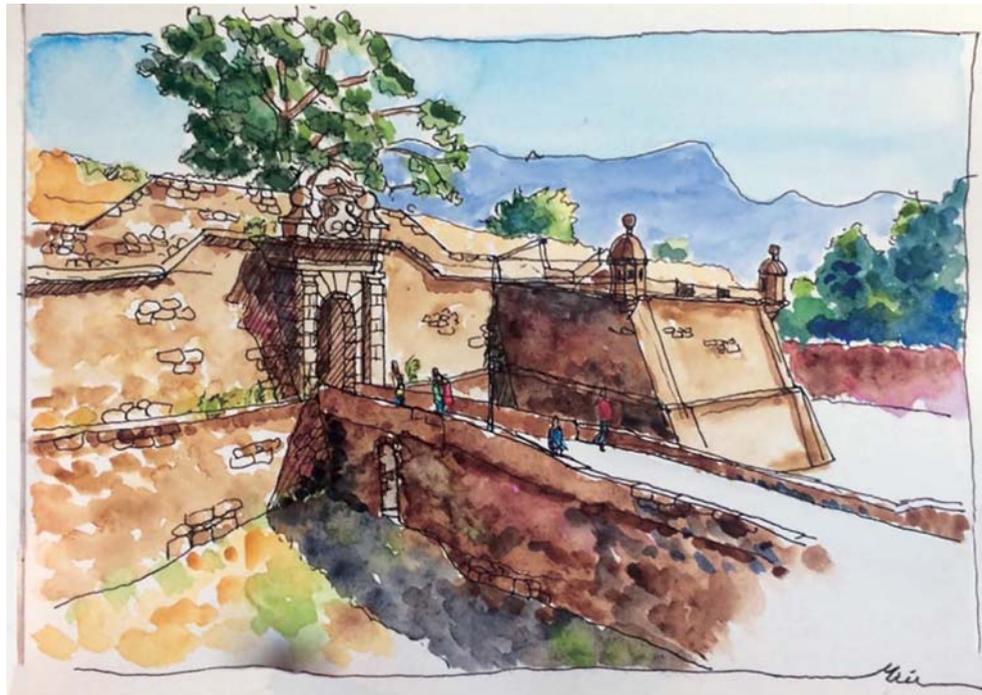
ISABEL ALEGRIA | Restaurante da Estação Nova



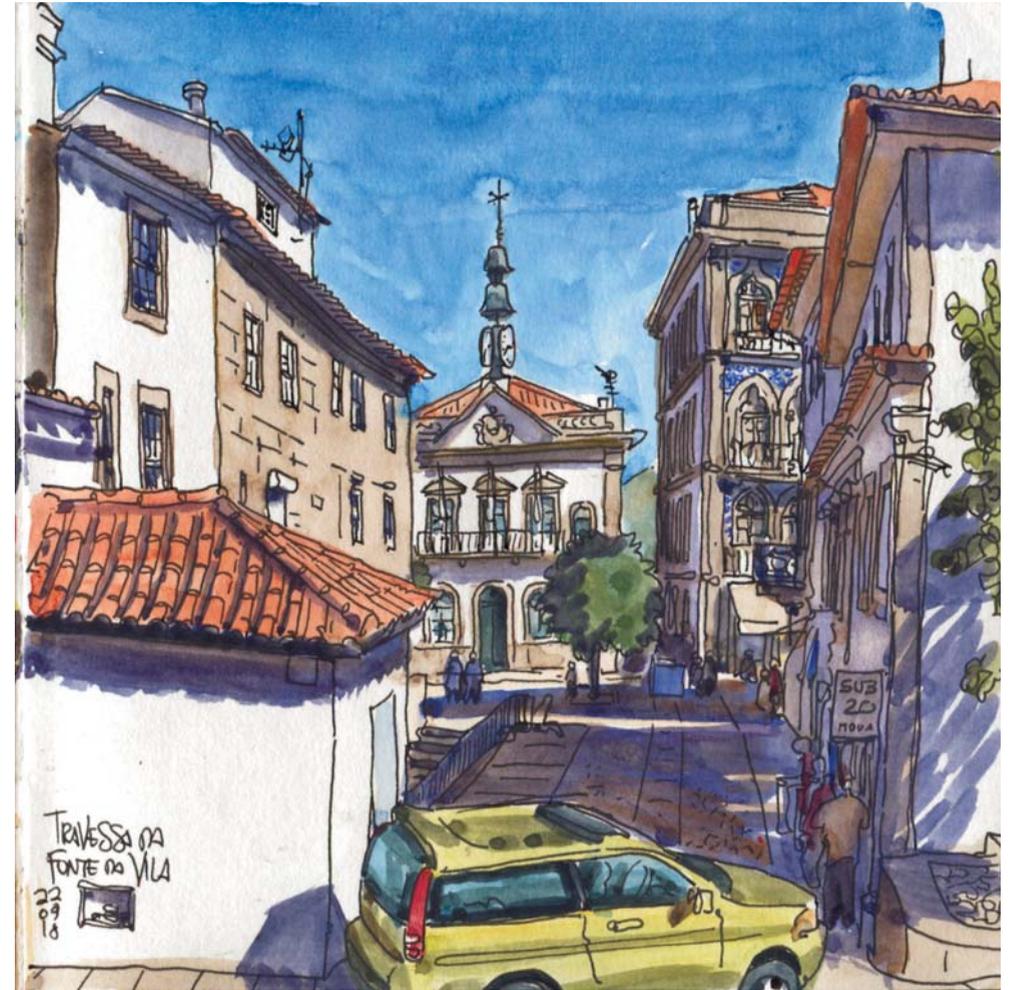
Camélias e magnólias no restaurante «Estação»



MARCELO DE DEUS



MIÚ



PAULO J. MENDES



■ ANTÓNIO PROCÓPIO ■

Nasceu em Vila Viçosa no dia 7 de maio de 1973. Em 1996 termina a licenciatura em Ensino. Desde então que leciona Artes Visuais. É docente em Lisboa. Experimentou a escultura, o cinema de animação, a gravura, mas foi no desenho livre e espontâneo feito no local que se reencontrou. Leva para dentro da sala de aula a sua experiência do desenho em caderno e partilha com outros professores as suas descobertas em formações promovidas por si. Com os Urban Sketchers tem colaborado em várias edições de livros e exposições coletivas. Para além de desenhar pessoas, gosta de brincar com a perspetiva e distorcer a realidade que vê. O desenho é para si uma maneira de estar na vida.

Site: www.antonioprocopio.com/

Instagram: www.instagram.com/procopiodrawing/?hl=pt

A minha visita a Viana do Castelo foi cheia de descobertas constantes. Fiquei hospedado numa pensão no centro histórico, uma excelente escolha, pois Viana descobre-se a andar a pé. Depois de passar pelo posto de turismo situado na Praça do Centro Atlântico, fui explorar o centro histórico com o magnífico mapa-guia que me foi fornecido. É difícil escolher o que desenhar em Viana pois cada pedra merece atenção. Depois de visitar os monumentos emblemáticos embrenhei-me por ruelas. Cada rua parece ter histórias para contar. Quando a chuva apertou abriguei-me no Museu do Traje, que tem uma coleção riquíssima. O Museu, que é gratuito ao fim de semana, é só por si uma excelente desculpa para visitar Viana. A Basílica de Santa Luzia estava sempre à espreita lá do alto. Por isso, no segundo dia fui até lá. Aquele monumento ultrapassa a escala humana. Não dá para explicar – tem mesmo de se ir lá. Para além disso a vista é formidável, principalmente do alto do zimbório.

Foram muitas as descobertas em Viana do Castelo, mas ficaram muito mais coisas por descobrir. É uma cidade que nos fica no coração e a que se tem vontade de regressar assim que se parte. Até breve.

■ HUGO BARROS COSTA ■

Arquiteto português, docente na Universitat Politècnica de Valencia.

Autor do *storyboard* do filme *We the animals*, dirigido por Jeremiah Zagar.

Participou, com os seus desenhos (*urban sketching* e ilustrações), em exposições individuais e coletivas em Nova Iorque, Valencia, Madrid, Alcalá de Henares, Ferrara, Veneza, Clermont-Ferrand, Porto e Dallas.

Finalista do prémio Ken Roberts Memorial Delineation Competition – Dallas. Prémio «Coup de coeur» – Caderno de Viagem Internacional no «Rendez-vous du carnet de voyage» pelo primeiro livro publicado, *NYC – diários gráficos*. Primeiro prémio Sketch 4 Freedom Contest – Nova Iorque.

Professor visitante em Sapienza – Università di Roma, Università di Salerno, Parsons New School – Nova Iorque e American Academy of Art – Chicago.

Desde 2010 desenha diariamente.

Blogue: www.hugobrc.wordpress.com/

Instagram: [yolahugo](https://www.instagram.com/yolahugo)

Não podem imaginar o prazer que me proporcionou ter sido selecionado para participar nesta fantástica atividade, fazendo o que mais gosto: desenhar, e numa das minhas cidades favoritas, Viana do Castelo. Desde logo, pensei nesses projetos de desenhos que sempre quis fazer, nas muitas visitas efetuadas ao seu incrível centro histórico.

No entanto, três dias em Viana, ainda que completos, sabem a muito pouco quando há tanto que apetece ilustrar. Logo na primeira manhã, ao chegar, vi como o sol nascia, banhando os coloridos edifícios da zona piscatória. Resultado: o primeiro desenho da «residência artística». Não consegui evitar mais um desenho (no Largo de São Domingos) e o almoço na Casa Margarida, antes de chegar à Praça da República. Também não pude resistir a uma (re)visita, desta vez ilustrada, à Biblioteca Municipal, projeto de Álvaro Siza.

No dia seguinte, tive o prazer de dar uma palestra integrada no 23º Colóquio Juvenil de Artes. O resto do dia estava já programado para pintar alguns desenhos realizados no dia anterior, a determinadas horas, calculadas de acordo com a luz que pretendia plasmar.

No último dia, finalmente, consegui encontrar a desculpa que me faltava para subir ao Monte de Santa Luzia – uma aquarela rápida, para uma paisagem tão vasta! Terminei, óbvio, para quem me conhece, no Cabedelo, onde passei incontáveis tardes ao sabor das nortadas. O vento não falhou, convidando a navegar, uma vez mais, nessas águas. Amainou, como sempre, ao fim do dia; depois chegou a luz mágica, mesmo a tempo da última aquarela: um dia perfeito! Afinal, «navegar é preciso»!



ANTÓNIO PROCÓPIO | Igreja Matriz



ANTÓNIO PROCÓPIO | Antigos Paços do Concelho



ANTÓNIO PROCÓPIO | Museu do Traje

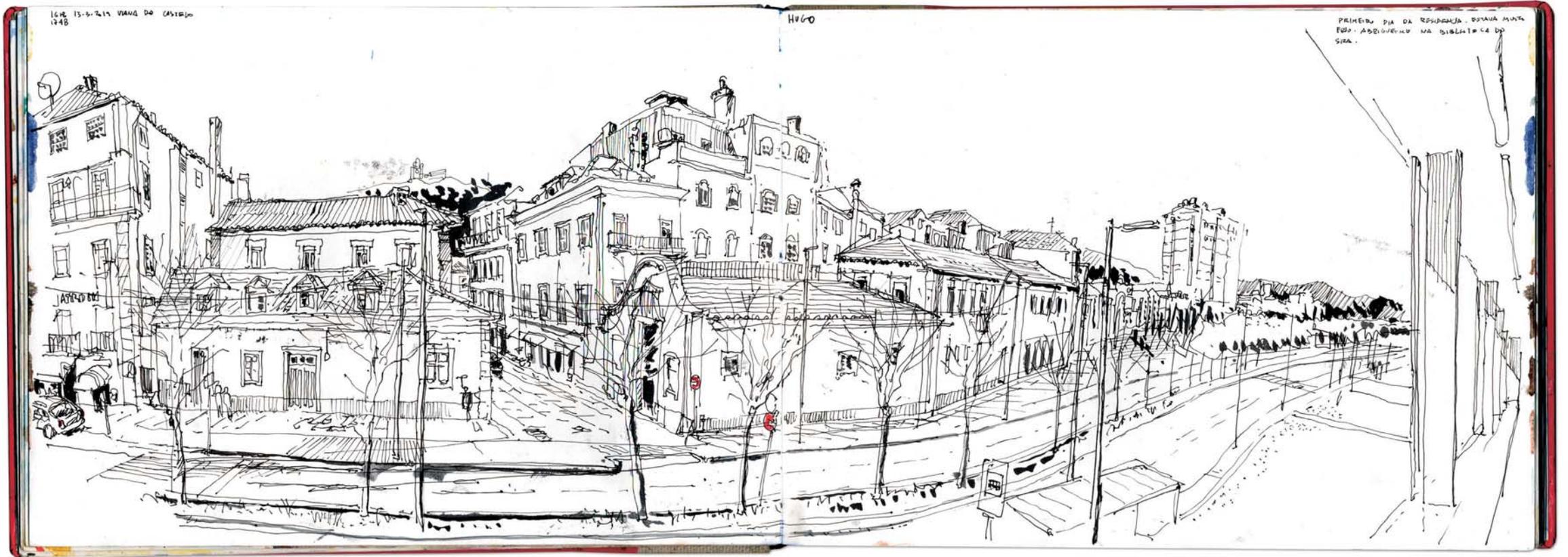


HUGO COSTA | Praça da República



HUGO COSTA | Praça da República

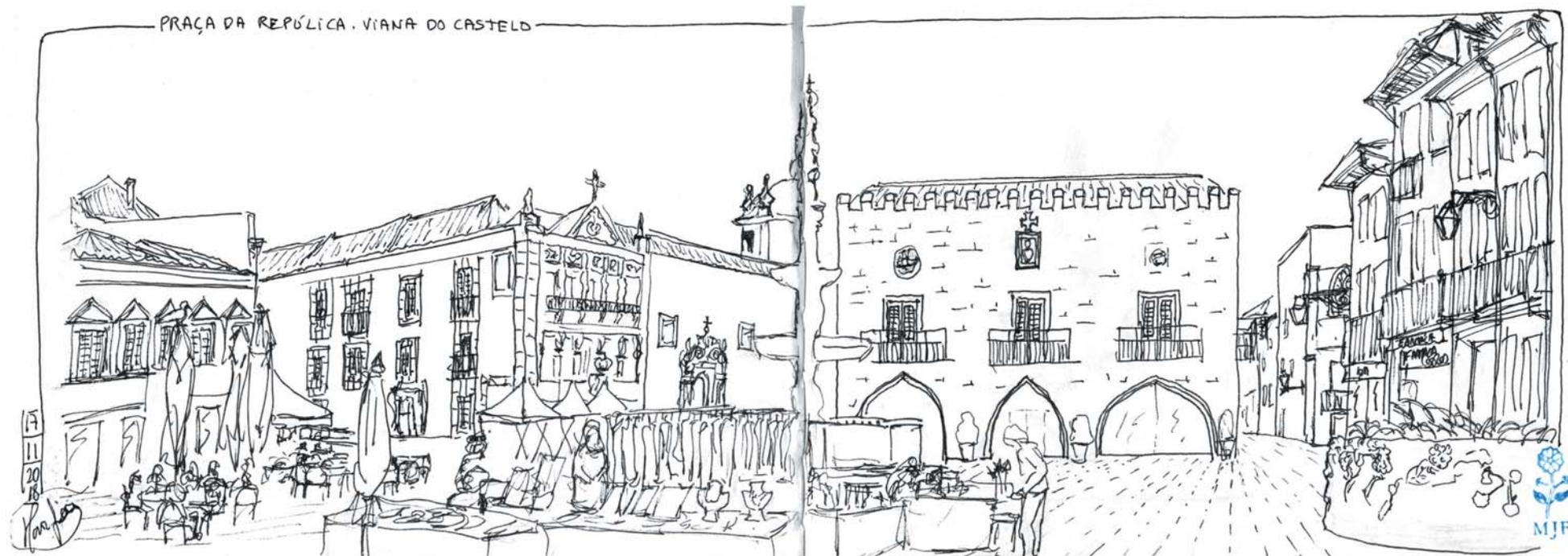




HUGO COSTA | Alameda 5 de Outubro desde a Biblioteca Municipal



CELESTE VAZ FERREIRA



MARIA JOÃO FREITAS



INÉS GAMA



PILAR ABREU LIMA



MARTIN KELBI



RUI QUEIRÓS

■ ISA SILVA ■

Nasceu no verão de 1966 e desde então a imaginação fez-lhe companhia no desenhar e no criar histórias. Frequentou a Escola de Artes de António Arroio.

Na sua segunda vida, redescobriu o desenho, a pintura, a fotografia e a escrita. Conjuga estas paixões com trabalhos em *design* gráfico. Já participou em várias exposições coletivas tanto a nível de desenho como de fotografia e pintura.

Tem alguns livros publicados e em 2013 foi autora e figurinista teatral de uma peça para infância. Em 2014 estreou-se na arte urbana. O seu projeto de pintura mais conhecido é o das Square Faces. Faz parte dos Urban Sketchers Portugal desde 2010.

Site: www.isasilva.com

Instagram: <https://www.instagram.com/isasilva5/>

Vila Nova de Cerveira traz-me à memória momentos fantásticos da infância, de quando passei algumas férias na terra de meu tio-avô, na localidade de Campos. Este regresso trouxe-me os cheiros e os sons tão familiares que me fizeram viajar àqueles dias em que andava pelo campo à caça de grilos e a brincar com rãs, enquanto esperava que o delicioso pão de milho saísse do forno a lenha.

Viajei no final do mês de maio e encontrei um local muito mais calmo do que esperava. Fiquei a saber que a vila só tem movimento aquando da Bienal de artes plásticas. Quem me explicou tudo isto foi o Sr. José Luís, o taxista que me mostrou os arredores da vila.

Nesse dia tive um pequeno susto que jamais esquecerei: quando me deixou a desenhar lá no alto da montanha junto da escultura do Cervo, reparei que o meu telemóvel tinha ficado no táxi... Quando já ia de regresso, a pé, ele apareceu porque ouvira o telemóvel a fazer barulho.

Passei pelo Núcleo Interpretativo dos Moinhos da Gávea, pelo Fortim da Atalaia, pela Capela da Nossa Senhora da Encarnação, pelo Convento de S. Paio e por alguns casarios dos arredores, muito deles usados atualmente para turismo.

No dia seguinte, foi a vez de visitar o castelo, o Forte de Lovelhe – mesmo junto à ponte que divide Portugal de Espanha – e, também, de fazer um longo caminho junto ao rio que me levou a descobrir o Aquamuseu, onde percebemos a importância do rio Minho na história, economia e cultura da vila.

Começava o dia com a companhia de um passarinho que fazia questão de aceitar as migalhas que lhe deixava no canto da mesa.

■ JOÃO MOTA ■

Nasceu a 11 de novembro de 1999 e é natural de Amares. Ingressou em 2017 na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, onde frequenta atualmente a licenciatura de Artes Plásticas – Pintura. Desde jovem, o seu vínculo com o desenho e com a pintura cresce diariamente sendo revelado em centenas de obras. É membro dos Urban Sketchers desde 2017 e tem participado em bienais de arte, residências artísticas e em exposições individuais e coletivas.

Site: www.behance.net/joaoabelmota/

Instagram: www.instagram.com/joaoabelmota/

Apesar do frio que me gelava as mãos, não consegui ficar imóvel perante este espaço cheio de história.

Recordo o primeiro impacto, quando as muralhas que se erguiam ao longe, já turvas pelos fumos que se soltavam das chaminés, se transformavam em aguarelas.

Além da minha perdição pelo castelo, não pude deixar de lado todo o ambiente tradicional que registava à medida que deambulava pelas ruelas de uma das localidades mais antigas de Portugal.

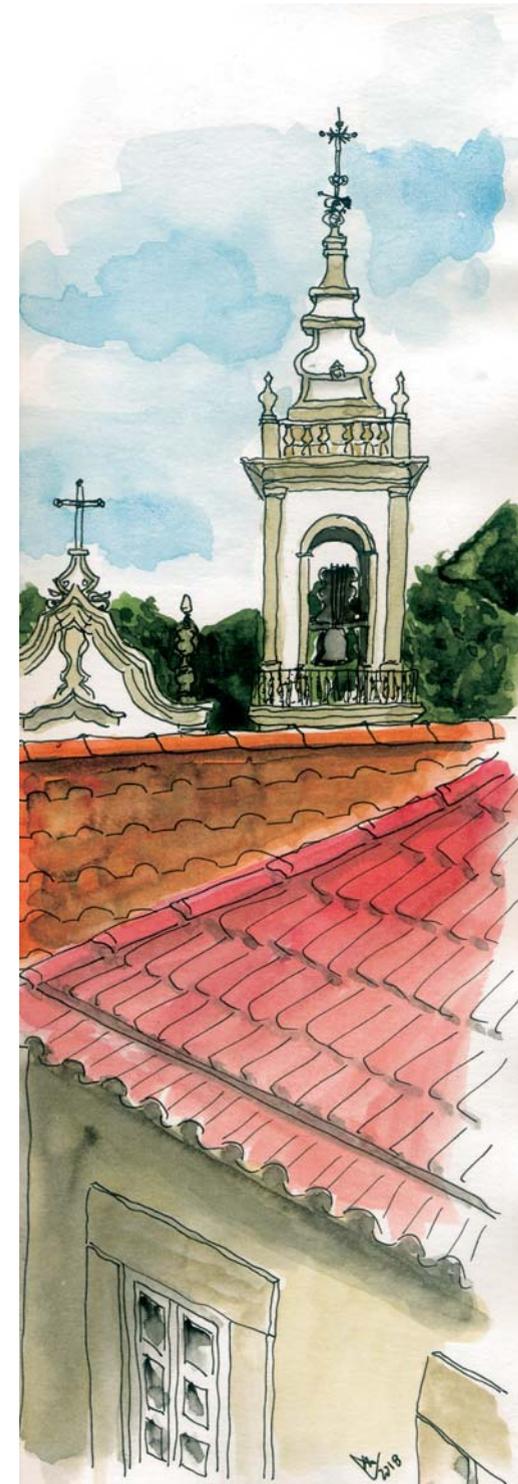
Sem dúvida que Vila Nova de Cerveira é um ponto de referência para o desenho, não só pela vetusta cultura que rodeia quem a regista, como também pelo seu papel de destaque na divulgação das artes.



VILA NOVA DE CERVEIRA



ISA SILVA | Núcleo Interpretativo dos Moinhos da Gávea



A torre da igreja vista de uma parte da muralha do castelo



PESCADOR DE MEXILHES NA MARGEM





JOÃO MOTA | Praça da Liberdade – igreja de Vila Nova de Cerveira



Pôr do sol visto do topo do castelo de Vila Nova de Cerveira



JOÃO MOTA | Castelo e Capela da Nossa Senhora da Ajuda vista da praça do Alto Minho



Feira Los Sabados e detalhe do azevinho



JOÃO MOTA | Cervo da Rua António José Duro, e pôr do sol



Interior da igreja de Vila Nova de Cerveira



AMÉRICO GONZALEZ e EDUARDO SALAVISA



EDUARDO SALAVISA



JOEL CORREIA



JOANA DE ROSA



SIMONE SILVA



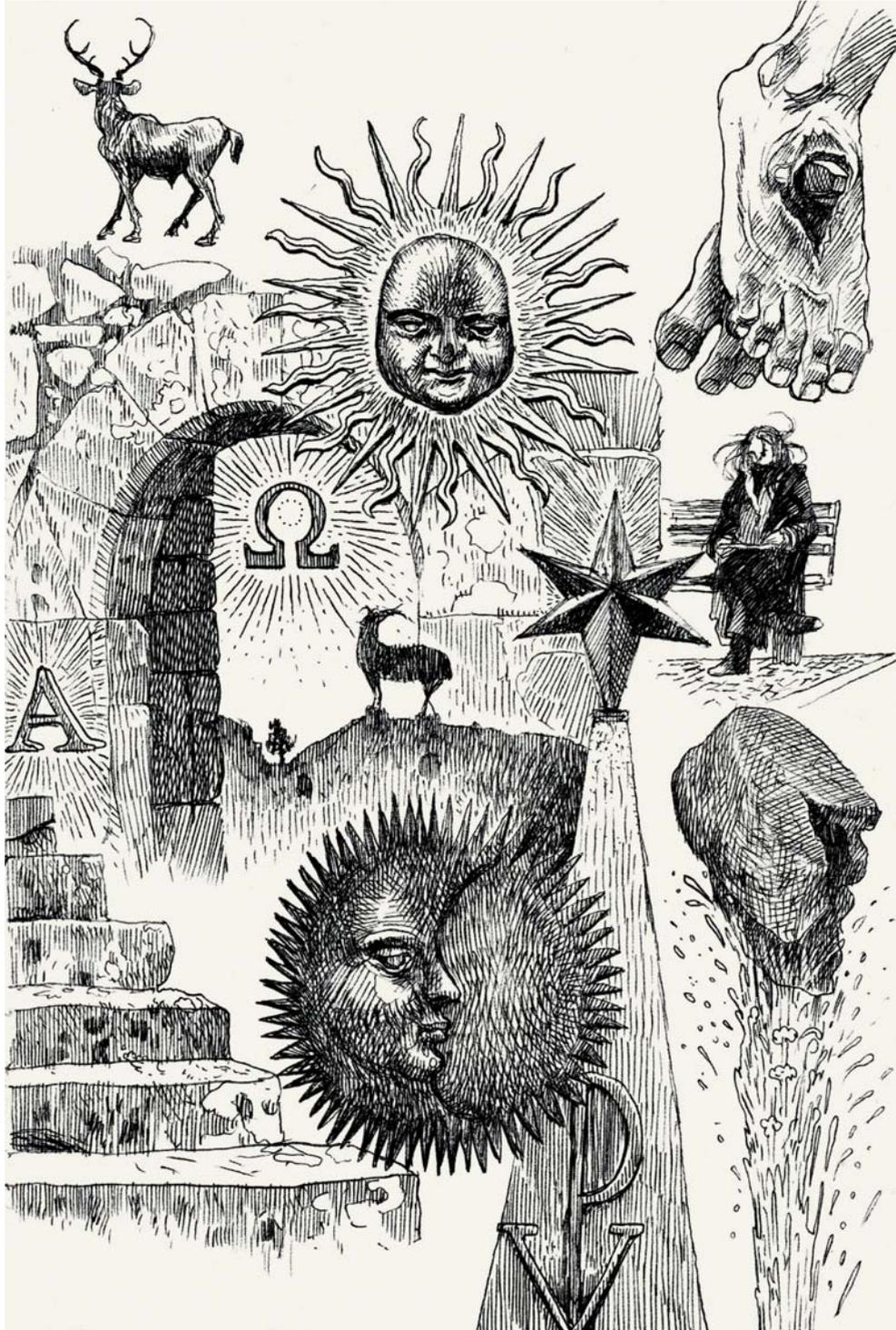
JORGE GUEDES



EVA MENDES



SARA AUGUSTO



EDUARDO BELGA



FRANCISCA MESQUITA



LAURA ROLA

■ ÍNDICE DE IMAGENS POR AUTOR ■

[ORDEM ALFABÉTICA]

RESIDENTES

Ana Luísa Frazão [PONTE DA BARCA] – 108-113(3)
António Latino Tavares [VALENÇA] – 148-153(6)
António Procópio [VIANA DO CASTELO] – 168-173(3)
Filipe Almeida [CAMINHA] – 28-35(4)
Hugo Barros Costa [VIANA DO CASTELO] – 174-181(4)
Isa Silva [VILA NOVA DE CERVEIRA] – 188-193(5)
Isabel Alegria [VALENÇA] – 154-161(5)
João Mota [VILA NOVA DE CERVEIRA] – 194-199(6)
João Santos [ARCOS DE VALDEVEZ] – 8-13(5)
Marcelo de Deus [PONTE DE LIMA] – 22-23(2); 62-63; 128-135(4); 162
Marco António Costa [MELGAÇO] – 48-53(3)
Paulo J. Mendes [PAREDES DE COURA] – 25; 42; 62-63; 88-93(4); 121(2); 142; 163-165
Pedro Cabral [MELGAÇO] – 54-59(3)
Sara Simões [PONTE DA BARCA] – 114-119(3)
Sofia Gomes [MONÇÃO] – 68-75(5)
Suzana Nobre [CAMINHA] – 36-41(3)
Teresa Ruivo [MONÇÃO] – 76-83(5)
Tomás Reis [ARCOS DE VALDEVEZ] – 14-21(5)
Vicente Sardinha [PONTE DE LIMA] – 44; 125(2); 136-141(4)
Vítor Velez [PAREDES DE COURA] – 94-99(5); 145

PARTICIPANTES NOS ENCONTROS

Américo Gonzalez – 200-201
Ana Crispim – 42
António Pina – 142
Armando Baldaia – 143(2)
Celeste Vaz Ferreira – 182-183
Charo Suelves Marina – 45
Cristina Costa – 60
Eduardo Belga – 204
Eduardo Salavisa – 24; 100(2); 200-201
Eva Mendes – 203
Francisca Mesquita – 205
Francisco Azeredo – 84; 101; 123
Helena F. Monteiro – 120
Inês Gama – 43; 124(2); 184
Isabel Baeta – 102-103(2)
Isabel Braga – 24; 61(2)
Joana Vieira da Silva – 104
Joana de Rosa – 202
João Pereira – 43; 60; 84; 104
Joel Correia – 105; 201
Jorge Guedes – 202
Laura Rola – 205
Maria João Freitas – 143; 182-183
Martin Kelbi – 25; 64-65; 184
Martine Courtet da Silva – 144-145
Miú – 144; 162
Paula Marinho – 44
Paula Pote Azeredo – 120
Pedro Alegria – 45; 85
Pilar Abreu Lima – 84; 185
Romeo Mateus – 85
Rosário Félix – 122-123
Rui Queirós – 101; 185
Sara Augusto – 203
Simone Silva – 203

Título

Desenhos do Alto Minho. *Sketching* com História

Autor

Urban Sketchers de Portugal

Coordenação editorial

Eduardo Salavisa

Texto introdutório

Eduardo Salavisa/Pedro Alegria

Edição

Comunidade Intermunicipal do Alto Minho (CIM Alto Minho)

Desenho da capa

António Procópio

Conceção gráfica

Edições Afrontamento, Lda. (Isabel Araújo)

Rua de Costa Cabral, 859 – 4200-225 Porto

www.edicoesafrontamento.pt

comercial@edicoesafrontamento.pt

ISBN: 978-989-54418-0-8

Depósito legal: 453832/19

Impressão e acabamento

Rainho & Neves, Lda. – Santa Maria da Feira

geral@rainhoeneves.pt

Distribuição

Companhia das Artes – Livros e Distribuição, Lda.

comercial@companhiadasartes.pt

1.ª Edição: Maio de 2019

PROMOTOR

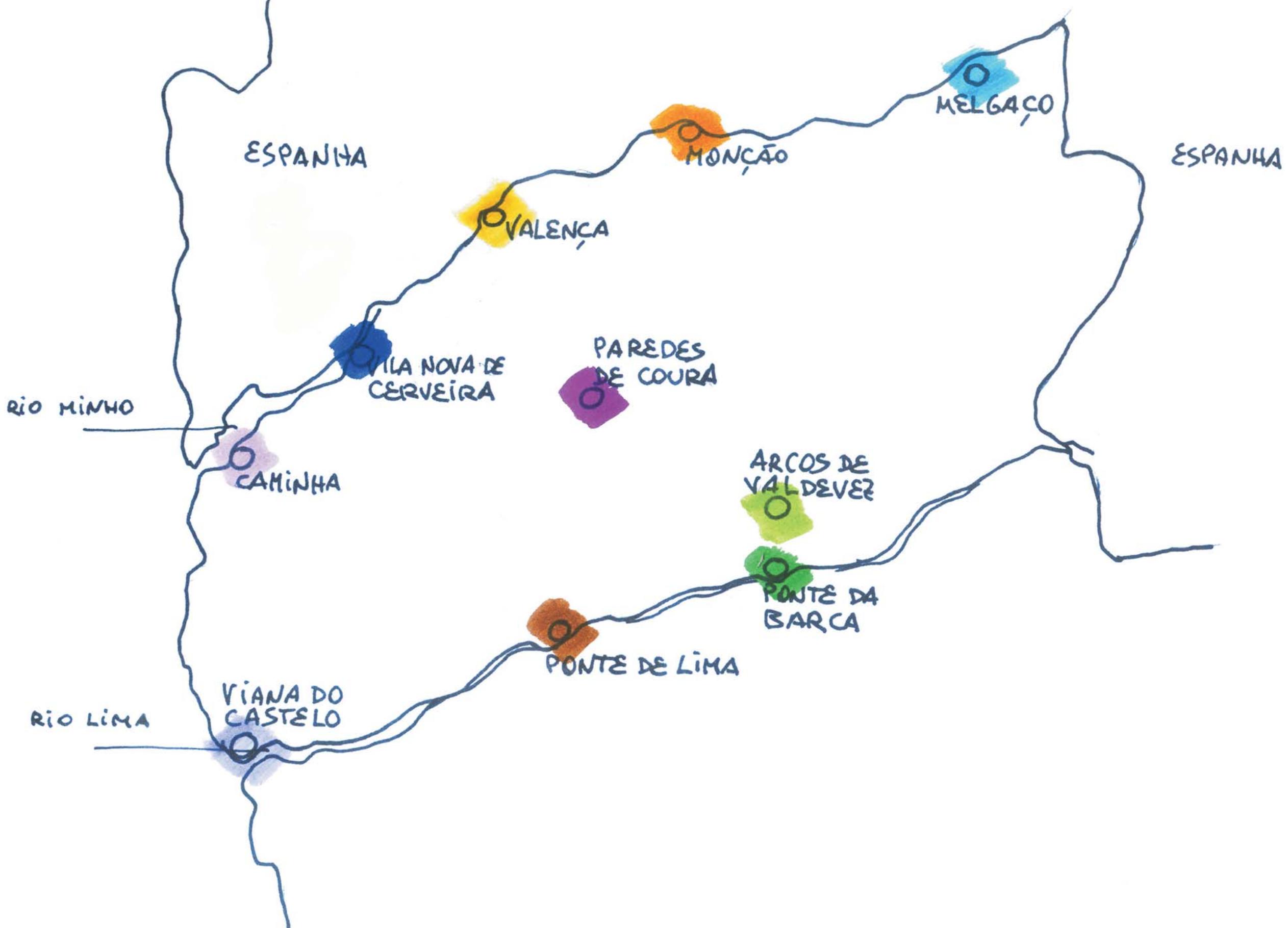


COFINANCIAMENTO



ORGANIZAÇÃO





ISBN: 978-989-54418-0-8



Urban Sketchers de Portugal

Desenhos do Alto Minho: Sketching com História surge do repto lançado pela Comunidade Intermunicipal do Alto Minho (CIM Alto Minho) à Associação USkP – Urban Sketchers Portugal, no âmbito do projeto «Alto Minho 4D – Viagem no Tempo», visando a valorização e a promoção turística do património cultural e natural da região.

Ao longo de 12 meses, mais de meia centena de artistas e entusiastas do desenho passaram pelo Alto Minho, através de residências artísticas ou de encontros de *sketching*, para observar, sentir e registar de forma espontânea os principais recursos identitários deste território.

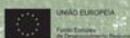
O resultado é um livro com uma belíssima coleção de memórias e de momentos vivenciados pelos artistas, evocados em cerca de 160 desenhos a cores ou a preto e branco, que deixam transparecer o que de melhor o Alto Minho tem para oferecer.

PROMOTOR



COFINANCIAMENTO

NORTE2020



ORGANIZAÇÃO



**URBAN
SKETCHERS
PORTUGAL
NORTE**